

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 2

Fevereiro de 1918

Ano LXX

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

O DESDOBRAMENTO

DO

COLEGIO MILITAR

Referiram os jornais diarios que, por ocasião da recente viagem do Ex.^{mo} Presidente da República e Ministro da Guerra ao norte do país, lhe fôra entregue, na cidade do Porto, pelo Sr. General Comandante da 3.^a Divisão do Exército, uma mensagem de saudação, na qual se consignou o pensamento de que a vitoria política alcançada por S. Ex.^a, — «que libertou a Patria e dignificou o exército, ficasse vinculada por um monumento, que perpetuasse o feito, o qual seria a criação, naquela cidade, dum collegio militar, à semelhança do que existe na capital».

Desenvolvendo as razões que justificavam tal pensamento, a mensagem referia, que o actual Collegio Militar, tendo capacidade apenas para 300 alunos, aloja actualmente perto de 450, donde resulta uma aglomeração, que ha de fatalmente — «produzir os mais detestaveis e perniciosos efeitos, sob o duplo ponto de vista da hygiene e da moral, reflectindo-se tais circunstâncias na educação do alumno, pervertendo-o».

Além de que, da centralização do collegio em Lisboa resultava outro inconveniente digno de ser ponderado: obrigar os pais dos alumnos, residentes fóra da capital, a uma despesa com que muitas vezes não podem, em transportes e outros gastos que lhes são inherentes.

Desdobrado o Collegio Militar, com criação de outro ins-

tituto análogo na cidade do Porto, ficariam em igualdade de circunstâncias os alumnos do sul e do norte do país, além de se dotar, também, a heroica e nobre cidade com mais um estabelecimento de ensino, cujas vantagens são evidentes, o qual será digno dela e das suas nobres e honrosíssimas tradições.

E, realizado esse desdobramento, poderiam ser, desde logo, transferidos para aquela cidade os alumnos, que se encontrassem em excesso no Collegio de Lisboa, devendo ser preferidos, para este efeito, aqueles cujas familias residam no norte.

A mensagem terminava pela afirmação dela traduzir o pensamento da respectiva officialidade, cujo alto representante a subscreveu, e de que essa idéa, convertida em realidade, constituiria o monumento em que, para todo o sempre, resplandeceria no brilho e na gloria, que lhe competem, o nome do actual Chefe do Estado, pelo muito que fez em pró da nacionalização.

Crêmos haver exposto nas linhas precedentes com a maior fidelidade e escrupulo, reproduzindo quasi textualmente as palavras empregadas, os argumentos produzidos na aludida mensagem do Sr. General Comandante da 3.^a Divisão do Exercito. E, consignando-as nestas columnas, duplicada satisfação temos em o fazer: dar a maior publicidade a uma aspiração de numerosissimos camaradas nossos; poder reforçar os argumentos produzidos com outros, que se nos afiguram não menos valiosos.

Como alega a mensagem, que bem se pôde denominar dos officiaes das varias guarnições do norte do país, o desdobramento do Collegio Militar impõe-se, mas não só pelas razões nela aduzidas, como ainda por outras não menos importantes, que passamos a expôr.

O afrouxamento de cuidados na educação moral dos alumnos é defeito reconhecido nos estabelecimentos de ensino de grande população, ou êles sejam internatos ou externatos, e só consegue ser atenuado nos de reduzida frequência. Efectivamente, a educação, no sentido mais generico da palavra, ha de ser tanto mais inferior, quanto mais crescido seja o numero de crianças confiadas á educação de cada pedagogo. Intele-

ctual, fisica ou moralmente considerado, o valor da educação recebida mede-se, em igualdade de equivalencia profissional, pela proporção entre o numero do pessoal educador e o dos educandos.

Não haverá chefe, por mais esclarecido e activo, que se possa multiplicar, por fórma a levar a respectiva acção moral a todos os que a necessitem em um internato demasiado populoso, nem a afirmar a unidade e a harmonia de procedimento do respectivo pessoal educador. Por isso, as competências mais autorizadas em materia educativa sustentam, como remedio para aquêle defeito, a redução do numero de internos, de modo a não exceder uns 250. Era êste, proximamente, o numero de alumnos existentes no Colegio Militar, pelos anos de 1900 a 1903, sendo, tambêm, de 240 o dos alumnos da Escola de Cadêtes de Namur, na Belgica, estabelecimento analogo ao nosso Colegio Militar, o qual gosa de reputação modelar.

Mas, em fevereiro de 1916, contava êste último estabelecimento 356 alumnos (¹), efectivo que já era consideravelmente exagerado para o pessoal educativo de que dispunha, e até para a capacidade do edificio em que estavam alojados, como bem afirma a mensagem.

As diferentes companhias, em que se dividia o batalhão colegial, possuíam, em média, um efectivo de 60 alumnos. Agora são muito mais numerosas. Leiam-se as atribuições e deveres, que competem a cada um dos officiaes, que comandam essas companhias, e reconhecer-se-ha a impossibilidade manifesta que elles têm de exercer a conveniente acção educadora sôbre os respectivos alumnos. As salas de estudo, a cargo de cada um dos respectivos regentes, compreendem correspondente numero de estudantes. Como poderão aquêles, portanto, desempenharem-se igualmente, no breve espaço dos estudos, dos multiplices e importantes deveres que lhes são atribuidos pelo Regulamento vigente?

O resultado dêste estado de cousas é que a grande maioria dos alumnos vive sob a exclusiva acção dos seus dotes naturais e dos adquiridos na vida da familia. Excepção haverá

(¹) Desde então, este numero elevou-se a 450, segundo a afirmativa do Sr. General Comandante da 3.^a Divisão do Exercito.

para um ou outro que, por circunstâncias especiais, mereça a predilecção dêste ou daquele educador. A massa desenvolve-se, porém, ao sabôr do ambiente, que o cêrca, ou sob a influencia dos camaradas, bons ou maus, que sob êles tem sabido adquirir preponderancia, sem receberem dos seus superiores, senão muito excepcionalmente, aquelas palavras de incitamento e de conselho, que tão recomendadas são nas — «Bases fundamentais da educação» —, constantes do respectivo Regulamento Interno.

E êste consideravel mal agravava-se, em 1916, pelo facto das camaratas conterem um numero de camas bastante superior ao das que nelas deveria existir, atendendo não só ás condições higienicas, mas ao principio de ser indispensavel evitar a todo o transe a perversão moral do educando, visto como, se esta se efectivar, quasi impossivel se torna obter a respectiva regeneração. A devida separação êntre cada duas camas, e uma incessante fiscalização nocturna, não sómente dos agentes subalternos, mas dos proprios officiais, são principios absolutamente imprescindiveis.

Ora, ao tempo a que referimos as presentes afirmações, cuja veracidade tivemos ocasião de verificar, por exame proprio, havia companhia que tinha as camas quasi juntas. e bastava tal facto para que qualquer mediocre pedagogo se julgasse autorizado a tirar as desfavoraveis conclusões contidas na mensagem, e que deixámos reproduzidas êntre comas. Do ocorrido nos dois últimos anos nada podemos afirmar, mas o consideravel reforçamento sofrido pelo efectivo do corpo de alumnos, durante êles, não permite prevêr senão que o estado referido se haja agravado.

E, para quebrar os dêntes á malediciencia, desde já, necessario se torna afirmar, que nas considerações expostas se não visa directa ou indirectamente o chefe daquêle estabelecimento de ensino, que estamos convictos ser um funcionario ao qual nenhum outro sobreleva na dedicação com que busca desempenhar-se dos seus deveres. A êsse zêlo é devido não ser o mal mais grave. Quanto a sua inteligencia, experiencia e força de vontade lhe permitem, tudo êle põe á disposição do melhoramento dos serviços sob a sua superintendencia. E na sua dependencia conta com auxiliares que, sem favor, devem ser considerados como dos mais distintos membros do corpo

docente liceal do país. Mas o que nem aquêles nem estes podem, porque não cabe na natureza humana, é vencer as causas de enfraquecimento educativo derivadas das condições de instalação do estabelecimento e do efectivo neste existente.

Ouvimos ter havido quem, avaliando da alma alheia pela propria, malsinára das nossas intenções, quando tivemos ocasião de expôr lialmente o resultado das investigações a que procedemos, em conformidade com as determinações que, para êsse fim, havíamos recebido, mas não considerou, quem o fez, que o dever dos chefes, que présam a propria dignidade, é seguir nos seus actos o conhecido ditame de um nossos mais estimados classicos:

Dizei em tudo a verdade,
A quem em tudo a deveis.

Além de que, não se deve a um estabelecimento de ensino a propria carreira, e a dos entes mais queridos, não se lhe votam largos anos de infatigavel dedicação, sem o prezar com o mais intenso fervor. E a demonstração dêsse amor não se revela escondendo os defeitos existentes, mas revelando-os devidamente, para que se lhes possa aplicar o adequado remedio, único processo eficaz de assegurar condições de vitalidade e ressurgimento a qualquer instituição.

Por isso mesmo é que nos permitimos obtemperar às considerações expostas na mensagem aludida dizendo, que o desdobramento solicitado não é, por si só, panacea que extinga os males acusados na mensagem, os quais, repetimos, são peculiares de estabelecimentos análogos.

Nos tempos contemporaneos, sem levar mais longe as nossas investigações, nem sempre, nos diversos países da Europa têm corrido propicias as correntes da critica com relação à existência dos internatos liciais.

Na França, designadamente, quer no parlamento, quer no seio das associações doutas, quer no inquerito ácêrca do instrução secundaria, realizado em 1899, por vezes se repetiram apreciações mui desfavoraveis à existencia dêsses estabelecimentos. Em tese, sempre reputei exageradas, quando não infundamentadas, parte dessas apreciações, o que não quere dizer que não reconheça a verdade de outras, sobretudo quando

aplicadas a determinados internatos, onde deixam de ser respeitados os principios absolutamente essenciais para que tais institutos produzam frutos dignos dos sacrificios, que a nação faz com a sua existencia.

Um dos mais fortes argumentos vibrados contra os internatos consiste na sua localização, ordinariamente situados nos grandes centros de população, sem espaços suficientes para a mocidade se expandir nas horas de descanso dos trabalhos intellectuais, condenada a respirar sempre a mesma atmosfera viciada, sem poder ser abundantemente renovada por outro ar, purificado pela ridente e benefica vegetação das regiões campestres.

A ampliação do Collegio Militar com o limitrofe palacio e quinta dos Condes de Mesquitela, que constituía aspiração secular, pois provinha da epoca em que aquêlê estabelecimento fôra transferido da Feitoria para a Luz, como consta dos seus proprios arquivos, aquisição essa que conseguimos obter em excepcionais condições economicas, quebrou inteiramente, para a actual propriedade, o valôr da critica aludida, já amesquinhada pelo facto da sua situação ser suficientemente afastada da parte central da cidade, e gozar de antiga reputação de salubridade, que os melhoramentos municipais e o aumento da arborização da quinta, como era nosso intento, muito poderiam crescer e consolidar. Não obstante, se o Collegio Militar não dispõe das magnificas paisagens e parques, que tornam de Eton a maravilha dos estabelecimentos escolares, não sómente da Grã-Bretanha, mas dos países civilizados, representa uma instalação dotada de condições de localização satisfatórias, quando a sua população não seja exagerada, como desde época remota se pôde comprovar pelas respectivas estatísticas sanitarias.

Demais, com a compra da quinta do Conde de Mesquitela o Collegio adquiriu recursos de expansão, que até então não possuía, sendo-lhe permitido proceder à instalação de recreios e campos de exercicios de educação fisica numerosos e variados, como exige, para que não haja promiscuidade, uma população absolutamente heterogenea sob o ponto de vista da idade.

Foram estas considerações que, recentemente, nos leva-

ram a formular oficialmente os dois seguintes alvires para melhorar as condições actuaes do estabelecimento: ou reduzir a sua população a 250 alumnos, harmonica com a capacidade do edificio, ou ampliar êste com a edificação de um corpo e dependencias absolutamente isoladas da parte existente. Assim, á semelhança do que succede nos actuaes liceus da capital, um dos corpos do edificio seria destinado ás três primeiras classes (dos 11 aos 14 anos de idade) e o outro ás quatro restantes (dos 15 aos 18 anos). Cada um dos agrupamentos escolares seria regido por principios educativos adequados ás respectivas idades, e subordinado igualmente a um chefe especial. Sôbre êsses dois agrupamentos ou secções distinctas exerceria o Director a conveniente superintendencia, com o firme proposito de nelas assegurar a devida unidade educativa.

Desde que, porém, se alvitra uma nova ideia, qual a do desdobramento do Collegio em dois institutos paralelos, mas um situado em Lisboa e o outro no norte do país, não temos outro reparo a fazer a esta nova solução do problêma, que não seja o de procurar demonstrar a indispensabilidade de que ambos os internatos ofereçam identicas condições higienicas e pedagogicas de instalação, para evitar assim que, procurando apenas remediar os inconvenientes do excesso da população, se não venha a cair em outros tanto ou mais prejudiciais.

Não é nova a ideia da instalação de um segundo Collegio Militar no norte do país. Bem recentemente soubemos que, em tempo, a havia acalentado um dos seus actuaes professores, que é honra, não só do professorado secundario, mas do exercito a que pertence, pelos seus distintos dotes de educador. Referimo-nos ao nosso prezado amigo o sr. Coronel João de Sousa Tavares, que teve urdido, nêsse sentido, um projecto de lei para apresentar na Camara dos Deputados, de que era membro, ainda no tempo do regime de posto, projecto que se subordinava ao pensamento de causar um encargo minimo para o Tesouro Publico pela fixação de pensões a êste fim adequadas.

Oportuno será afirmar que a criação de um segundo instituto da natureza do Collegio Militar, no norte do país, é acon-

selhada, não sómente pelas vantagens redundantes para a classe militar, mas ainda para as classes civís. São poucos os estabelecimentos liceais, de que o país dispõe, para a grande massa de estudantes, que todos os dias afluem à sua frequência. E esses liceus, ou se encontram afastados de regiões, onde a população se intensifica, ou ocupam pontos excentricos, que dificultam a dita frequência. O mesmo succede em outros Estados, mas, para obviar aos inconvenientes redundantes, é que nêles existem os internatos liceais officiais, aos quais os pais, que dispõem dos recursos conveniêntes e habitam localidades desprovidas de escôlas secundarias, entregam a educação de seus filhos. Sem querer deprimir os estabelecimentos pãrticulares desta mesma natureza, não incorreremos em grande erro afirmando que, quer no país, quer no estrangeiro, só muito excepcionalmente êles satisfazem às exigencias da educação moderna, que visa simultaneamente ao desenvolvimento da cultura moral, intelectual e fisica.

Por êste motivo muitas familias preferem alojar os filhos em casas particulares das povoações em que existem liceus, embora inteiramente desprovidas dos confortos e auxilios indispensaveis aos jovens estudantes, o que não succede na Inglaterra e na Suissa, por exemplo, em que o alojamento de estudantes constitue uma verdadeira industria, que oferece aos que a aproveitam as melhores condições higienicas e pedagógicas.

Mas, nas nações em que o mesmo não ocorre, tem sido o facto da carencia dessa benefica industria a causa que tem impedido a extinção dos internatos liceais, contra os quais, aliás, se têm travado duras campanhas, como precedentemente referimos. Demais, não abunda no nosso país por tal modo o pessoal docente, com a devida cultura e experiencia pedagogica, que possa ser deixado ao abandono ou à escôlha da simples especulação industrial a missão da cultura média daquela grande massa da infância, que nasce, cresce e se desenvolve nas extensas regiões do país, afastadas dos centros liceais.

A criação de um internato de instrução secundaria no norte do país, onde a população é mais intensa, não representaria, portanto, um simples beneficio à classe militar, mas importaria igualmente assinalada vantagem para o desenvolvimento

geral da cultura média, a qual haveria de merecer o agrado das classes civís, que dêle viessem a aproveitar para a educação de seus filhos.

A regidez do regime do internato, que se diz oprimir a vontade dos educandos, em nome da disciplina e não da convicção, a pernicioso influencia que sôbre os caracteres fracos podem exercer os máus, e o abandono a que nalguns desses estabelecimentos fôra votada a educação moral, têm constituido argumentos empregados no estrangeiro contra a existencia dos internatos liceais.

Para reduzir, senão destruir, a incontestada veracidade de tais críticas, foi que o então Director do Collegio Militar, não só elaborou, mas pôs toda a sua alma e esforços na execução do Regulamento Interno, aprovado por portaria do Ministerio da Guerra, de 12 de outubro de 1901, cuja doutrina basilar, esparsa por numerosos artigos, se encontra nitidamente sintetizada no primeiro dêles, em que se diz que — «a educação dos alumnos deve ser subordinada ao triplice ponto de vista moral, intellectual e fisico, tendo sempre em atenção tanto a actividade pratica como as investigações especulativas, de modo a formar homens dotados de caracter honrado e resolutivo, intelligencia lucida e esclarecida e organismo fisico forte e desembaraçado».

Mais frizantemente ainda se revela o pensamento que orientou aquêlê diploma na exposição da doutrina contida no art. 4.º, que diz: — «O segredo da educação consiste em conseguir que os alumnos não façam tudo quanto queiram, mas unicamente o que os principios morais, as leis e os preceitos sociais prescrevem, e, onde êstes forem ouvidos, o que a ordem impõe. E assim se conciliará a educação da vontade, *que deve merecer o incitamento dos superiores*, com a disciplina, que deve ser escrupulosamente mantida em qualquer agremiação de homens».

A pernicioso influencia, que sôbre os caracteres fracos podem exercer os máus, por igual modo é prevenida e remediada no Regulamento aludido. Diz o seu art. 15.º:

«Porque é a qualidade, e não o número de alumnos, que honra um instituto de educação como o Colégio Militar, cujo uniforme deve ser sinal ostensivo da nobresa de carácter, se-

vão cuidadosamente afastados do convívio colegial os alunos que, pela persistente incorrecção do seu procedimento ou pela inalterável repugnância ao trabalho, se constituírem elementos de dissolução para o regime educativo consagrado pelas presentes instruções, devendo essa selecção ser efectuada desde os primeiros anos do curso, por ser exactamente entre os alunos de menor idade que mais dão podem produzir êsses elementos dissolventes».

Como sancção da doutrina exposta, prescreve o art. 60.º, ainda do dito Regulamento, entre as penas a aplicar pela infracção do dever colegial, — a expulsão.

Se, como tem sido avençado, existem no Colégio Militar alunos — «que se não revelam aplicados ao estudo, exercendo influência perniciosa no meio escolar, chegando a servirem de modelo e a tornárem-se admirados por outros mais tacanhos e pacíficos» — o facto redonda sómente da falta de cumprimento da disposição citada. Nos internatos, a lenidade do procedimento dos educadores tem conseqüências muitissimo mais graves, do que nos externatos. Não há nada que mais estimule a mocidade desenvolta e insubmissa, do que os educadores que não saibam temperar, segundo as circunstâncias, a conveniente benevolência com o procedimento austero, firme e rápido.

No Pritaneo Militar ou Colégio de la Flèche, instituto francês equivalente ao nosso Colégio Militar, não só a cultura como a disciplina, haviam decaído por modo a justificar o pedido da sua extinção, a qual, por vezes, foi proposta a camara dos deputados. Porque aquêlê estabelecimento tem no respectivo exército numerosos prosélitos, como o Colégio Militar no nosso, essas sucessivas tempestades foram conjuradas, não sem grandes dificuldades para os govêrnos. Até que appareceu um ministro sabendo com mão ferrea aplicar o adequado remédio à situação no Regulamento de 14 de outubro de 1911, o qual foi geralmente acoimado de excessivamente duro e violento, no começo da sua applicação, mas cujos efeitos benéficos já todos reconhecem.

Pelos artigos 37.º e 57.º dêsse diploma, foi determinado, que se fizesse o apuramento, no fim de cada trimestre, pelos respectivos conselhos de classe, dos quais também fazem parte os repetidores e oficiais comandantes de companhias,

dos alunos que, pelo seu mau comportamento, *designadamente por actos de insubordinação ou imoralidade, e por falta de aproveitamento, devida a incorrigível preguiça*, devam ser presentes ao Conselho de Disciplina, o qual votará a sua expulsão.

Austeramente cumprida na sua letra e espirito esta disposição, bem como outra, a que ao deante aludiremos, deu êste procedimento em resultado o levantamento da cultura e do procedimento dos alunos do Colégio de la Flèche, a ponto de serem classificados sempre nos primeiros logares dos concursos de entrada e de saída, quer na Escola de Saint Cyr, quer nas demais Escolas superiores, a que concorrem, e isto em contraposição ao que anteriormente sucedia, por quanto, só por exceção, nelas tinham entrada, tão baixas eram as suas inscrições nas escalas classificativas dos concorrentes.

Que nas disposições contidas no Regulamento Interno do Colégio Militar, estão consignados processos educativos de seguros resultados, quando executados devidamente, é facto que não poderá contestar-se facilmente, embora seja limitado o engenho de quem o elaborou. A tal circunstância deveu êsse diploma, por certo, o ser conhecido fóra do país, como o demonstra a seguinte ocorrência. Quando o Marechal Hermes da Fonseca, regressava ao Brazil, depois da sua última viagem pela Europa, estando o paquete fundeado no Tejo, e sendo aquêlê estadista visitado por um distinto official do nosso exército, felizmente ainda vivo, pediu-lhe com viva instância que lhe obtivesse um exemplar daquêlê Regulamento, denominando-o pelo apelido do autor, desejo êste que foi devidamente satisfeito. O caso demonstra que as doutrinas educativas esparças por o referido diploma haviam chegado ao conhecimento do estrangeiro. É certo que na sua doutrina geral elas não constituem novidade pedagógica; o que a representou foi passá-las do campo restritamente doutrinário para o da perceptiva aplicação prática, com extraordinário carinho, o que muitas pessoas ainda vivas podem confirmar¹.

(1) A fórma como foi executado esse diploma ainda hoje póde ser apreciada, examinando os diferentes «Anuários» do uso quotidiano do Director, e que este conserva em seu poder. Continham eles, não só as principais indicações referentes a cada aluno, como idades, companhias e classes a que pertenciam, notas obtidas em cada disciplina, plantas das diferentes aulas

A mais severa selecção no provimento dos logares de educadores, ou êstes sejam professores, regentes de estudo, ou officiais de serviço, é outra das condições absolutamente indispensável para a conveniênte frutificação dos internatos. Corre parêlhas com ela a da presistência nas respectivas funções por tanto tempo, quanto o permitam outras exigências do Estado, se os interessados afirmam pelo seu procedimento a competência educativa.

Ora, existem internatos nos quais se aponta como uma das causas das irregularidades disciplinares ali ocorridas, não só a renovação numerosa e simultânea de parte daquele pessoal, mas a sua substituição por individuos que, embora com reconhecidas aptidões e cultura, e pessoalmente muito estimáveis, não haviam tido occasião de exercer convenientemente a acção educativa da infância, ou careciam de tempo para êste fim, por accumularem outras funções. Dessa alternativa constante resulta quebrarem-se as tradições e as salutaes práticas estabelecidas no regime do internato, sujeitando assim os alunos a solavancos de processos educativos, sempre nefastos e desorganizadores.

O mal apontado tem, sôbretudo, graves e irremediáveis consequências no professorado. Não será demais repeti-lo: — a missão educativa, embora se considere para os efeitos de

com indicação dos alunos que se sentavam em cada logar, mas ainda os retratos de todos os colegiais com os seus numeros respectivos. Por este modo se habilitava o referido funcionario a conhece-los pessoalmente, para o que muito contribuia a frequencia com que assistia ás aulas, verificando pelas plantas destas a identidade do aluno, que se lhe tornava menos conhecido. As notas de applicação nunca foram dadas senão em conferencias de classes, ás quais nunca deixou de presidir o dito Director, que aproveitava essas reuniões para nelas exercer a missão, que o Regulamento Interno lhe impunha, orientando nelas todo o corpo docente na execução uniforme e precisa dos preceitos pedagogicos regulamentares, e para ouvir o parecer de cada professor sobre determinados alunos, chamando logo á sua presença, para os corrigir e aconselhar, aqueles que, para tal fim, lhe eram apontados.

Assim adquiria esse chefe o conhecimento, quanto possivel circunstanciado, de cada educando, que lhe servia para o suggestionar na presistencia do caminho do bem, ou na emenda de procedimento, nos casos de errada conduta. Lisonjeia-se ainda esse funcionario de raras vezes haver saído qualquer aluno do seu gabinete, neste ultimo caso, sem que nos olhos orvalhados de lagrimas houvesse dado prova cabal de quanto as palavras pronunciadas pelo educador haviam calado no coração do educando.

classificação sob o triplice ponto de vista moral, intelectual e físico, deve ser uniforme e conjunta.

No seu exercício pedagógico a missão do mestre deve acompanhar e resolver com a devida solícitude e competência os diversos problemas educativos, que se lhe apresentem sob qualquer daquêles aspectos. Mas êste procedimento ainda não entrou nos nossos costumes, constituindo apenas regra para os professores, que fazem da profissão um sacerdócio. Circunscrevendo a sua acção à simples transmissão dos conhecimentos literários ou científicos, e seguindo métodos mais ou menos adequados, muitos professores, designadamente os menos experiêntes, se conservam largos anos, quando não em toda a seqüência da carreira, indiferentes aos resultados derivados da sementeira, que praticam, sem buscárem aprimorá-la de cultura para cultura.

O principio consignado no art. 12.^o do Regulamento interno precedentemente citado, que recomenda aos professores aproveitar todas as ocasiões para enriquecer simultaneamente a intelligencia dos discipulos com novos conhecimentos e o character com afirmações de virtude, é uma pratica que depende essencialmente dos dotes pedagogicos do mestre ao serviço de uma aturada experiencia, sendo os resultados desta que, pela messe colhida, ministra incitativos para ele proseguir naquella senda.

Pelo mesmo modo, os metodos e processos de ensino, tão recomendados no art. 168.^o, obram prodigios, quando devidamente executados. E porque o foram exemplarmente, durante largo tempo, merecendo o facto menção especial no Congresso Internacional, em tempo reunido em Paris, foi que este, exaltou a organização do ensino secundario, então vigente no nosso país, dispensando ao Colégio Militar louvôr especial pelo modo distinto como a executou.

A convicção firme, em que estavamos, de que a execução de tais doutrinas era absolutamente essencial para o conseguimento da esmerada educação dos alunos foi que nos levou, quando tivemos a honra de exercer a direcção do Colégio Militar, a recrutar, em regra, os novos professores entre os officiaes, que haviam exercido com reconhecida competência as funções do professorado, fôsse em liceus officiaes ou no magistério particular.

E assim conseguimos que o respectivo corpo docente houvesse adquirido a reputação de ser uma das mais autorizadas corporações do ensino liceal. A êste facto, e ao de se haver adotado a regra de não permitir a passagem nas três primeiras classes do curso senão aos alunos, que estavam devidamente preparados com os conhecimentos respectivos, se deveu o crédito com que saíam os que terminavam o curso, cuja origem era prontamente reconhecida, quer na Universidade de Coimbra, quer na Escola Politécnica, pelo modo pronto, seguro e certo como se distinguiam nas respostas, que davam às perguntas que lhes eram feitas pelos competentes lentes.

Donde se nos arreigou no espírito a convicção de que, sendo o Colégio Militar um estabelecimento de ensino secundário, restritamente sujeito aos programas dos liceus, e até pedagogicamente subordinado ao Ministério da Instrução Pública, nenhuma razão subsiste para que êle disponha de um quadro privativo de professores, recrutado por processos especiais. O curial parece ser, que o corpo docente secundário seja um só, em todo o país, recrutado pelo mesmo processo, e distribuido, segundo as conveniências do serviço, pelos diferentes estabelecimentos liceais. É claro que ao constituir semelhante processo de recrutamento se deve fazê-lo sem prejuizo de direitos ligitimamente adquiridos.

E oportuno se torna agora referir a segunda das reformas introduzidas pelo Regulamento de 14 de outubro de 1911 no Pritaneo Militar de França, a que precedentemente fizemos referencia, e ao qual se attribue, também, o melhoramento da cultura e do procedimento, ao presente reconhecido nos respectivos alumnos. O professorado daquele instituto recruta-se no quadro geral dos professores officiais do ensino secundario, dependente do Ministério da Instrução. Quando ocorre uma vacatura, ou se torna necessario afastar do ensino qualquer dos respectivos professores, ou algum dêles deseja outra colocação, o director propõe o professor do quadro geral da instrução secundaria, que deve ocupar a vaga aberta, e a substituição executa-se por simples transferência de situações, sem sacrificar as carreiras dos interessados. Como tem sucedido que a direcção do Pritaneo se tem empenhado sériamente em levantar os creditos dêste estabelecimento, succede que os propostos têm sido professores com larga experiencia do

ensino, donde derivam os resultados colhidos. O Pritaneo não é escola para tirocinar, mas para exercer aptidões consolidadas. O principio adquiriu condições de estabilidade, que já nem governantes nem governados pretendem abalar.

Por fórma identica se procede na Escola belga de Cadêtes, sita em Namur. Os seus professores pertencem ao quadro geral do professorado secundario, donde o Director os escolhe para preencherem as vacaturas ali ocorridas.

Ha outros cargos no pessoal do Colegio Militar, além dos do professorado, para o exercicio dos quais os dotes pedagogicos são também essenciaes. Referimo-nos aos officiais a quem cumpre a fiscalização da vida collegial, ocorrida nas camaratas, nos recreios e nos varios locais por elles frequentados fóra do tempo das aulas, e aos quais dizem respeito as attribuições e deveres especiais, consignados na Secção 2.^a do Cap. I do Tit. II do Regulamento aludido.

Consustanciam êsses officiais nas suas attribuições uma parte consideravel do poder paterno, louvando os que trabalham, incitando os menos laboriosos, emendando os êrros de procedimento, temperando os arrebatados e irreflectidos, reprimendo e punindo os refractários à palavra suasoria, dando a todos habitos de ordem, de asseio pessoal, de correcção no procedimento e na palavra, instigando-os nas diversas circumstâncias da vida a trilharem o caminho da virtude, e, sobretudo, exercendo a mais nobre função dos educadores, qual é a de prevenir as faltas, inteiramente convictos, como devem estar, de não haver grande merito em unicamente as reprimir. Para que tal acção seja eficaz e oportuna, o contacto destes educadores com os educandos deve ser quasi que incessante, tornando-se prejudicial o afastamento entre uns e outros. O aluno, que sabe achar-se sempre sobre a persistente e carinhosa vigilancia do superior respectivo, guia o seu procedimento pelos conselhos deste recebidos.

Semelhantes funções, porém, não as desempenha quem quer, e sómente quem dispõe de especiais aptidões educativas, êntre as quais sobreleva o poder da suggestão. Póde um official dispôr dos mais provados meritos profissionais e de vasta cultura e ser um deficiente, senão máu, educador. Por isso, e porque os diferentes processos educativos a seguir nos primeiros

e nos últimos anos da adolescencia são diferentes, pódese até succeder que o official de difficil substituição no exercicio do comando da companhia dos *caloiros*, careça de condições para exercer o comando da dos *veteranos*. O caso é mais vulgar do que vulgarmente se conjectura.

Por tais motivos indispensavel se torna que ao Director do estabelecimento seja restituído o direito, de que foi privado, da escôlha dos officiaes, que devem exercer os diferentes cargos aludidos.

Não era nosso propósito alongar tanto as presentes considerações. Mas nas questões educativas, mais do que em quaisquer outras, succede aos profissionais com as palavras o mesmo que com as cerejas. Acodem aos montões nos labios dos que, reconhecendo a decidida importância que a conveniente solução dos principios daquela ordem tem no aperfeiçoamento da humanidade, procuram sincera e nobremente colaborar no progresso das instituições, destinadas a este fim. A essa missão votámos larga parte da nossa já não curta existencia. Crêmos que a messe obtida foi muito inferior aos propósitos concebidos e esforços empregados, mas culpa foi da inferioridade do espirito, que não da firme vontade de acertar. Em todo o caso, muito agradável nos seria que os leitores só vissem nas considerações expostas, derivadas da pratica educativa, o propósito que acaba de ser exposto, e nunca qualquer outro menos nobre, que podesse atingir desagradavelmente qualquer individualidade.

Tendo os nossos camaradas das guarnições do norte do país manifestado o desejo de que o actual Collegio Militar seja desdobrado, a fim de ali ser collocado o outro a criar, em favor de tal ideia viemos sómente oferecer o nosso apoio, mas tendo o cuidado de procurar demonstrar a necessidade de que fiquem conveniente e simultaneamente resolvidas questões essenciaes para o progresso e devido aproveitamento de qualquer desses institutos, sem o que a respectiva existencia será sempre tormentosa e de fraca utilidade.

GENERAL MORAES SARMENTO.

CAMPAÑHAS DE ALÉM-MAR

NOVA ZELANDIA

A expedição contra os maoris

(1863 a 1866)

Entre as expedições ultramarinas, de largo ensinamento e característica pelos meios empregados, avulta a comandada pelo general inglês Duncan Cameron, contra as tribus maoris sublevadas.

A Nova Zelândia, chamada desde 1907, domínio colonial britânico, constitui um agrupamento de ilhas situadas no sul do Pacífico. Demoram a léste da Tasmania e Vitória. A sua capital e porto principal, Wellington, distância-se de Sydney, mil duzentas e quatro milhas. Em importância, ocupam o primeiro lugar no arquipélago, as ilhas de Auckland e Campbell. Nas primeiras, abrem-se dois dos melhores surgidouros do Pacífico.

A população europeia, em 1908, orçava por um milhão de almas, mas em 1861, não excedia cem mil pessoas. A antiga colónia, hoje domínio, multiplica a sua opulência, de ano para ano, em progressão geométrica.

Não se conhece, ao certo, a data em que desembarcaram os primeiros homens na Nova Zelândia. Apenas se sabe que pertence ao século xiv. Várias embarcações, tripuladas por polinézios, deixaram ali parte das suas guarnições. Encontrou indígenas dessa proveniência, na Ilha do Sul, Abel Jansen Tasman, quando, em 1642, efectuou a sua viagem no *Heemskirk*, e que costeou uma parte do arquipélago. Decorridos cento e trinta e sete anos, o capitão Cook, a bordo do *Endea-*

dour, anexou essas terras, depois de as ter estudado e visitado, mas, o govêrno de Londres não aprovou tal acto.

Não cabe neste limitado espaço, nem sequer esboçar a história da Nova Zelândia. Notaremos simplesmente, de relance, que, após anos trágicos de lutas e de vicissitudes, a mãe pátria lhe concedeu, em 1852, o *self-government*. Quatro anos mais tarde, em 1856, depois de bastantes debates e hesitações ampliou-lhe as prerogativas até lhe consentir um sistema parlamentar completo e um ministério responsável.

Durante vinte anos, a história política da colónia, consiste em duas longas e intermitentes lutas — uma constitucional entre o govêrno central e os poderosos conselhos de província, nove dos quais desempenhavam importâtes funções, disputavam dos rendimentos das terras e de largas prerogativas. A outra consubstancia-se num dissidio de raças — no conflito entre os colonos e os maoris. As tribus nativas, corajosas, inteligentes e razoavelmente armadas, tentáram, fazendo esforços enérgicos, por meio de uma liga contra a venda das terras e a eleição de um régulo, conservar para si o centro da Ilha do Norte. Os seus régulos evidenciáram-se pela incompetência, os chefes inutilizáram-se na discussão de rivalidades mesquinhas, as tribus dividiram-se. No entanto, a sua maneira de combater, outorgáva-lhe vantagens sérias, aumentadas com as florestas do interior, de difícil acesso. Podiam fazer, sendo hábeis e enérgicos, uma interminável guerra de guerrilhas. Mas, atiradores, menos que mediócre, ignoráram quasi, os segredos e as vantagens das emboscadas mortíferas e das surpresas fulminantes. Durante dez anos de operações intermitentes e de choques mais ou menos sangrentos, os maoris demonstráram a sua bravura e amor pátrio. Perseguidos como feras, não succumbiram nem abdicáram de um só dos seus direitos de independência.

De tal modo, no começo, os missionários os tinham torturado, moral e fisicamente, que a todos animava um singular fanatismo anti-cristão. O culto Hau-Hau impelia-os a zombar das balas e baionetas dos brancos e a defenderem-se como leões, dentro das suas tranqueiras ou *pahs*, rodeadas de covas de lobos. A boa crítica, porém, não consente que se domine de caudilhos geniais, os seus chefes mais notáveis, Rewi e Te Kuti. Á cautéla, e bem peitados, as autoridades britânicas, atraí-

ram a si os melhores dos guerreiros indígenas, tais como Ropata e Kemp, o que desequilibrou as probabilidades de vitória, se algumas contavam, no arraial dos maoris.

A emigração europeia, fraca no princípio da colonização, como atrás expozemos, torna-se sucessivamente mais densa, à proporção que os rebanhos aumentam, que se descobrem novos prados feracíssimos, que os europeus adquirem a convicção da salubridade e doçura do clima.

Um dia, descobre-se ali ouro. A disseminação desta notícia fascinadora estabelece uma corrente forte e intensa de mineiros, especuladores, negociantes, operários e aventureiros da peor espécie. Compreende-se a opulência dos jazigos auríferos quando se sabe que, desde o primeiro semestre de 1861 até 1864, o ouro produzido, só na província de Otago, atingiu a importânte soma ao par, de vinte e oito mil e quinhentos contos. A falta de *prospectors* nos anos posteriores obriga a descer a produção a um milhão esterlino anual.

A área do terreno feraz de tão precioso minério, avaliava-se em 1866, em 677:000 milhas quadradas.

Onde campeia o interesse, some-se a humanidade. Os recém-vindos despojam os naturais dos seus territórios. Como os indígenas reagem com denodo, organizam-se verdadeiras montarias, onde se travam pejejas sem quartel. O prélio é de extermínio. Há quem pretenda extinguir completamente essa raça belicosa. Nestas caçadas, nem sempre os invazores levam a melhor. Não raro sangrentas reprezalias alarmam e ensanguentam a existência dos colonos.

A 4 de maio de 1863, os maori assassinam dois oficiais e alguns soldados do regimento europeu 57, de guarnição na ilha. Havia mais os regimentos 43, 50 e 65. Em desforço, o tenente Brutton, mata dois dêles, apanhados à quem dos limites do terreno onde se acoutavam. Essas mortes determinam, por seu turno, o assassinio do tenente Walter. Capturados alguns nativos, encerram-nos na prizão de New Plymouth, onde confessam que se preparava um levantamento geral contra os ingleses. O regimento 57 entrincheira-se em Oakura. O gene-

ral Duncan Cameron, comandante superior da guarnição, forma uma coluna de 700 homens para o ir socorrer. Esta força, robustecida por uma bateria Armstrong e artilharia de desembarque, comandada pelo capitão Mayne do *Eclipse*, chega, sem ser inquietada a Tataraimaka. Sustenta depois um renhido combate em Katikara, onde o 57, já libertado, toma um reduto aos maoris.

A guerra estava declarada e cinco mil sublevados disputam-se a morrer primeiro, do que ceder um palmo de terreno aos invasores. O general Cameron trata da defesa da cidade de Auckland, manda vir tropas de Taranaki e solicita reforços do governo de Londres.

Em julho de 1863, 300 homens do 65 de infantaria, constroem um forte a comandamento do rio Waikato, no local onde tem oitocentas jardas de largura, Constitui-se uma esquadilha de canôas tripuladas, as menores por 45 indígenas e as maiores por 65, sob a direcção do capitão Swift. A tribo, que habita as margens desta via fluvial, prima pelo espírito guerreiro. Os naturais concentram-se em número superior a oito mil. Sentem-se fortes e preparam-se para atacar Auckland. Pelo caminho, a 14 de junho dêsse ano, trucidam dois europeus, entre Drury e o rio, arremetem com a canhoneira *Avon* e estabelecem-se numa posição formidável.

Nêsse mesmo mês de julho, a população de Auckland, assustada e prática, na expectativa de um assalto, reflete na sua crítica situação. Ninguém pode prevêr as conseqüências da acometida. Entabola então negociações diplomáticas com os maoris do distrito de Hancke's Bay, no *pah* Whakairo, a dez milhas de Napier. Compra a êsses nativos o auxílio e assegura-se por meio das mais lisonjeiras promessas de uma fidelidade até aí desdenhada. O recurso não se recomendava pela novidade nem pela eficácia, mas surtiu efeito. Já o sábio dizia: «O maior heroísmo do homem, consiste no sacrifício da sua animalidade».

Por essa quadra, as tropas saíram de Tartaramaika. A 17, é atacada uma escolta, de guarda a um comboio de mantimentos. Em seguida, toda a coluna, vê-se obrigada a praticar arrojados de bravura para não ser envolvida. Em tal momento o general Cameron dispunha de dois regimentos, 2:000 milicianos e 2:500 homens de guarnição em Auckland. A neces-

sidade de acudir a vários logares, obrigam-no a enfraquecer o seu efectiva para guarnecer os postos entre os rios Wairva e Waikato e a enviar um forte destacamento para Koleroa, onde se dera o combate de 17 de julho de 1863.

A falta de elementos para proseguir na campanha, fizeram-no conservar inactivo até setembro. Assistiu, quasi de braços cruzados, sem o poder impedir, a grandes concentrações dos maoris.

A 25 do mesmo mês de setembro os maoris, não só conservam todas as suas posições, mas fortificam-nas e reforçam-nas. É o que sucede em Meremere, na margem do Waikato. As autoridades britânicas, militares e civis, desejam de alguma forma provêr de pronto remédio, situação tão crítica. Ordenam a confiscação das terras propriedade dos nativos em armas. Oferecem importantes garantias aos colonos que se apresentem na qualidade de voluntários para a supressão da rebeldia, cada vez mais extensa e alarmante. Das outras colonias da Austrália, vem chegando reforços. Não assumem ainda os efectivos necessários. No entretanto o govêrno local manda construir uma canhoneira de roda à pôpa, das primeiras do genero, para navegar nos rios, e capacidade de transporte de 300 para 400 homens.

As operações arrastam-se numa vagarosa marcha de lesma. A metrópole, ou não calcula a importância e a extensão da revolta ou, por espírito de economia ou qualquer meandro da política, não reúne as tropas necessárias para um golpe de mão enérgico e decisivo. A 13 de julho, ainda de 1864, um destacamento de 300 homens, do 65 de infantaria, numa investida denodada, apodera-se de uma estacada, erguida em Tuakan, na margem do Waikato.

O comandante em chefe passa horas amarguradas ao avaliar o abandono em que a incúria oficial o deixa. A precipitação dos acontecimentos obriga-o a optar por uma resolução. Em meados de outubro, planeia atacar Meremere, o mais importante núcleo de resistência dos maoris. Divide as exiguas fôrças numa série de colunas volantes. Cortam a retirada ao

inimigo, com um efectivo, aí, de mais de 2:000 homens, outras patrulhas dispõem-se a obstar a travessia do rio. Se os revoltosos, conhecedores do terreno, evacuem Meremere e se espalham por outras regiões a guerra prolongar-se há indefinidamente. Em Taranaki há tiroteio sem conseqüências de maior.

Como instigação, descobre-se em Otago um novo campo de ouro. A' guisa de protesto, pela falta de providências, por parte do govêrno metropolitano, Sir Henry Haveloch, membro do Parlamento, apresenta-se no seu regimento.

Assim decorre, sem nenhum lance decisivo, o resto de 1864. No ano immediato os rebeldes, sentindo-se fortes pela improficuidade da repressão, assassinam, em Apotiki, o missionário Volkner. Os colonos, forçados pelas circunstâncias, impellido pelo instinto da conservação e acicatados pelo espirito de cobiça, agrupam-se em sólidos corpos de voluntários. Agora a luta agrava-se numa incomparável acção de extermínio. O ouro em bruto desvaira os exploradores; o ouro amoeado mercantiliza as consciências dos caudilhos maoris mais prestigiosos.

O chefe Wirema Tomehana, inglezado com o nome de William Thompson, entrega-se ao brigadeiro Curry a 25 de maio de 1865. Em Inglaterra consideram a campanha terminada. Falta só capturar os assassinos do missionário, e dar, com a sua punição, um exemplo que contraia de pavor as almas mais enérgicas. A submissão de Thompson determina a do rei maori Rewi. Este nomeia para seu intermediário George Graham, deputado e querido dos nativos pelos sentimentos de bondade que nutre a seu respeito. Ás acusações que incidem, como chuvisco compacto, sôbre a attitude de Thompson, defende-se o subornado chefe indígena declarando que quer salvar a raça a que pertence, de uma destruição completa. Na verdade, de cem mil maoris, restavam, ao cabo de vinte anos, menos de metade.

*
Não obstante estas submissões, um chefe independente tenta proseguir na luta. Apoia-o um considerável número de indígenas. Recomeçam as hostilidades aprisionando a guarni-

ção do cutter inglês *Bonita*, e em tão emaranhado recesso a ocultam, que ninguém sabe do seu paradeiro. O recrudescimento da sublevação, quando se presumia tudo apaziguado ou a caminho disso, agravado com desinteligências com o governador da colónia, leva o general Duncan Cameron a resignar o comando das tropas, à frente das quais se conservára durante quatro anos. A' despedida, a officialidade dos regimentos 14 e 50, ofereceram-lhe uma espada de honra com o respectivo talim.

O governador Grey avoca a si o comando das tropas. Bacia-o a sorte. Colhe vantagens e louros em dois recontros. O resultado afigura-se-lhe decisivo. Cinco dos regimentos europeus regressam à metrópole. Mais adiante, em setembro, as forças coloniais assenhoreiam-se de dois *pahs*, sem perda de vidas, apenas com alguns atacantes feridos, e fazendo algumas dezenas de prisioneiros. A administração local presume-se sufficientemente forte para continuar a campanha, utilizando-se dos recursos coloniais e dispensando o auxílio do govêrno da metrópole.

As autoridades superiores não se lembraram da maxima que diz: «É tão difficil ser justo, que a prudência aconselha ser indulgente». As exacções contra os nativos não cessaram.

Logo que o regimento 65 embarca para Inglaterra, rebentam novos disturbios na costa oriental. Acodem diversas colunas da colónia e tribus aliadas que obtêm êxitos de consideração. Tomam outro *pah*. A expedição captura os assassinos do missionário e do capitão Close. O governador confisca mais terras em Taranaki e não levanta o estado de sítio na costa Oriental. A ulterior descoberta de mais campos de ouro, suscita nos legisladores a idéa de dividir a Nova Zelândia em duas colónias.

A experiência demonstrára a inefficácia das repressões implacáveis. Mr. Fitzgerald propõe o início de uma política indígena mais humanitária. O governador convida para uma reunião, os principais chefes maoris, afim de se acordar na promulgação de medidas de segurança e melhoramento das condições de existência das raças nativas.

Não acreditam os naturais, ao lembrar-se do passado, na legitimidade de tão generosos projectos. Em novembro de 1865, mostram-se dispostos a não enveredar por vias pacificas.

Desconfiam das proclamações de paz do governador e assassinam o primeiro emissário que as conduz. Cometem mais atrocidades. Empenham-se mais refregas. Os ingleses vencem, em dezembro, os maoris no distrito de Opotiki e capturam o *pah* Kawah, sendo grande a mortandade entre os rebeldes. Em Poverty e em Hawkes Bay, alguns milhares de naturais, entregam as armas.

O final de 1865, assiste à criação de duas regiões — às províncias de Nelson e de Canterbury. Os pesquisadores descobrem outro filão de ouro no rio Hokotika. Em Wellington, reúne-se a assembléa para discutir e assentar definitivamente na separação e autonomia administrativa da parte norte da ilha do Sul. Simultaneamente o govêrno proíbe o comércio com a costa oriental. Pretende esfaimar os sublevados.

No entanto, os rebeldes combatem, como podem, mas o desânimo invade as suas dizimadas hostes. Em Napier e Poverty, ainda se troca tiroteio de uma e outra banda. As perdas, como sempre, decláram-se nas fileiras dos sublevados, deixando quasi incólumes os brancos e apaniguados. O *pah* de Poverty Bay, cai na mão destes últimos. A concentração das forças regulares efectua-se com método e decisão. Em Joranga, um batalhão metropolitano aguarda ordem para iniciar o movimento involvente; o 68 posta-se em Tauranga na costa oriental da Ilha do Norte. Os revoltosos agrupados em Kerera, rendem-se.

Ao principiar o ano de 1868, toma o comando supremo das tropas em operações, o general Chute. Os seus subordinados acometem e apossam-se de um vasto *pah* dos contrários. Os maoris, num derradeiro arranço de vingança e de selva-geria, assassinam o intérprete Falloon e a guarnição de um navio.

Desembarcam mais regimentos: o 40, 43, 68 e 70. Uma tranqueira, excelentemente fortificada, nas cercanías de Pate, investida a 6 e 7 de janeiro, não resiste ao impetó dos atacantes. Em fevereiro, mais oito *pahs*, importantes pela situação estratégica e pela solidez da sua fortificação, rendem-se. Em Hau-Haus trava-se um recontro; os rebeldes sofrem baixas consideráveis. As armas aperfeiçoadas anulam af o último esforço dos indígenas. A' medida que vão surgindo novas minas do ambicionado e precioso metal, os maoris veêm-se constran-

gidos a entregar-se sem condições. A' expedição enviada a Taranaki corôa-a um triunfo completo. As colunas britânicas, perseguem de perto e inexoravelmente o inimigo. Atravessam a floresta do monte Egmont, de costa a costa, em dez dias. Em março, o socêgo estende-se até os mais ocultos rincões da Nova Zelandia. Findára a campanha. As tropas brancas regressam ás suas guarnições. O governador é recebido em Ngaiteram com festas e outras manifestações de regosijo.

Não pelos indígenas. Dêsses poucos restávam.

EDUARDO DE NORONHA.

UM ANO DE GUERRA

Em fevereiro do ano passado escreviamos nesta mesma Revista algumas palavras que serviam de explicação a um esboço topográfico dos terrenos por onde vai correndo em caprichosas curvas, desde as praias do mar do Norte à fronteira suíça, ora espreguiçando-se por extensas planícies, ora galgando as cumiadas de alterosas serras, a famosa trincheira que ha três anos concentra em si, como se fôra o gigantesco palco dum teatro mundial, a atenção de todos os povos.

Seria curioso, sob múltiplos aspectos, o confronto dessa coleante linha com a que hoje separa os dois adversários, mas faltam, e faltarão ainda por muito tempo, os elementos para qualquer comparação erudita.

Começou o ano, ou, antes, principiaram as operações militares de 1917, pelo recuo dos alemães, que deliberadamente e depois de vários preparativos abandonaram o saliente a oeste de Bapaume, nos fins de fevereiro, seguindo-se em março a retirada em toda a extensão de Arras a Soissons, cêrca de 160 quilómetros, atrás da qual ficou uma região inteiramente devastada. O inimigo foi estabelecer-se na chamada linha de Hindenburgo, de 18 a 45 quilómetros à retaguarda da primeira, conforme os pontos do seu sinuoso contôrno.

Uns quizeram vêr nisto a necessidade de encurtar a linha de defesa para fazer face à escassez dos efectivos e outros atribuíram a manobra à conveniência estratégica de suprimir o enorme saliente que enfraquecia a vasta organização defensiva do inimigo. É de notar que durante estas operações a luta retomou o seu velho aspecto doutros tempos, manobrando a infantaria e especialmente a cavalaria em grandes massas.

A êste acontecimento ha a acrescentar o considerável avanço dos ingleses em Arras, na direcção de Cambrai, com a captura de 15:000 prisioneiros e 200 peças, de 5 a 10 de abril, seguido,

uma semana mais tarde, pela ofensiva dos franceses numa frente de quarenta e cinco quilómetros, de Vailly a Berry-aubac. Depois destes progressos seguiram-se outros nas mesmas regiões, que permitiram aos aliados levar mais adiante as suas posições e fazer um total de 50:000 prisioneiros.

As perdas, de ambos os lados, cifram-se no pavoroso número de 600:000 homens!

Uma das conseqüências desta segunda batalha do Aisne foi a substituição do general Nivelle pelo seu colega Pétain.

Estes êxitos são pequena coisa para o que se esperava, mas não se pode negar importância a progressos que, embora lentos, se mostram constantes, duradouros e que denunciam manifesta fraqueza do inimigo e a impossibilidade em que êle se encontra de deter o adversário. Não pendamos, porém, para o lado contrário, isto é, não atribuamos a êsses avanços maior significação que êles têm, porque os exagêros nesta matéria são nocivos a quem os alimenta e pretende viver dêles. Para vencer as dificuldades, de qualquer natureza que elas sejam, é mister encará-las de frente e em toda a sua plenitude.

Nesta altura ocorreria talvez perguntar se os gigantescos esforços dos aliados são generosamente pagos pelos resultados obtidos, mas para responder cabalmente a esta interrogação seria necessário entrar em questões que estão fora do âmbito dêste modesto artigo, algumas excessivamente melindrosas para o momento actual e outras tão complexas, que para as tratar devidamente seria necessário remexer os próprios alicerces em que assenta a constituição sociológica da humanidade, tendo de começar talvez por averiguar em que consiste realmente a felicidade dos povos.

Embora seja mais que provável que o temeroso pleito internacional a que assistimos, venha a resolver-se nas trincheiras de Flandres e de França, não devemos esquecer, ao fazer o balanço dos acontecimentos militares e políticos do ano findo, que não só ali se combate. Além do vasto oceano, que foi um insaciável sorvedouro de vidas, e do ar imenso, ha muitos campos de batalha ou, usando a expressão agora preferida, muitas frentes, a saber, as de Itália e Salónica, ambas mixtas, a oriental, exclusivamente russa, as de Mesopotâmia e Palestina, inglesas, além das da Africa Oriental, onde ingleses, belgas e portugueses tentam, de acôrdo, reduzir o inimigo.

Os acontecimentos militares do fim do ano em Itália foram para os aliados uma dolorosa surpresa, pois que os italianos, que numa longa campanha de dois anos e à custa de enormes sacrificios tinham alcançado certos êxitos e conseguido transpôr a fronteira inimiga, chegando a levar o seu quartel general para lá de Gorizia, pondo em perigo o exército austriaco, viram subitamente o seu país invadido e as suas linhas, rôtas e destroçadas, coagidas a uma retirada que ía degenerando em pânico e que só foi possível deter nas margens do Piava, rio de pequeno volume de água, agora providencialmente cheio.

As perdas, que a imprensa diária orçou em 180:000 homens e 1:500 bocas de fogo, foram decerto enormes e sensíveis para um exército que, embora tenha atrás de si, a supri-lo, a actividade dum povo industrial e habilitado a fabricar material de guerra de toda a espécie, se acha empenhado ha dois anos numa campanha sem tréguas, cujas exigências não são fáceis de faltar. Todavia, maiores que os prejuizos materiais são os efeitos de ordem moral, pois tendo ameaçada a bela planície do Veneto e toda a região que se estende de Milão a Brescia e Pádua, que é decerto a parte mais industrial de todo o país, as pretensões irredentistas da Itália não podem deixar de ter um fraco éco. Enquanto os seus exércitos pizavam vitoriosos o solo inimigo, os seus direitos tinham a apoiá-los, até certo ponto, a fôrça das armas, que agora mal se pode invocar.

Estas foram, a nosso vêr, as mais graves consequências do desastre, que outro nome não ha que melhor caiba aos acontecimentos militares que tiveram por teatro os campos de Caporetto, nos últimos dias do mês de outubro do ano passado.

Mal se comprehende realmente que no flanco dum grande exército, como o italiano, que se dizia ótımamente apetrechado de material de toda a espécie e em que se apregoavam maravilhas do serviço de aviação, se pudessem concentrar forças tão numerosas sem que o comando estivesse constante e precisamente informado do que se passava, e que o primeiro e único aviso que lhe chegou, fôsse a irrupção violenta do inimigo, obrigando-o a retroceder numa marcha precipitada, onde nem sempre reinou a ordem.

Os termos em que apreciamos os acontecimentos militares

da Itália nos fins do anno passado, poderão talvez parecer severos, mas são muitissimo mais brandos do que aqueles que mereceram à imprensa francesa e inglesa, e no próprio parlamento italiano o chefe do governo declarou que ia mandar proceder a um rigoroso inquérito sobre as ocorrências, que logo determinaram a demissão do marechal Cadorna, desde o inicio da guerra à frente das operações, e a sua substituição pelo generalissimo Diaz.

Todavía a retirada, que chegou a parecer irremediável, foi sustida por mão enérgica nas margens do Piava, rio que nascendo nas quebradas dos Alpes Dolomíticos, corre do norte para o sul e volta depois para o Adriático, numa direcção quasi paralela ao Adige, formando uma linha natural de defesa.

Na ocasião em que escrevemos estas linhas combate-se duramente ao longo do aludido curso de água e na região mais para noroeste, denominada Asiago, com alternativas de avanço e recuo que levam a crer que os progressos do inimigo encontraram ali o seu termo, tanto mais que os aliados, fieis ao principio de que os esforços devem ser comuns, e atentos às funestas conseqüências que a anulação da Itália traria para a causa, se encontram hoje, na respeitável força de cem mil homens, ao lado das tropas italianas, às quais, alem do auxilio material, prestam tambem valioso apoio moral.

A respeito da Macedónia, os acontecimentos de 1917 não merecem registo especial. Pode dizer-se que o ano findo legou ao actual a situação que encontrára, sem alteração sensivel. O canhoneio foi por vezes intenso, a infantaria interveio em certas ocasiões, houve as costumadas alternativas de avanço e recuo, mas a situação geral não sofreu mudança apreciável. Nos ultimos meses do anno houve para os aliados um momento de hesitação e mesmo anciedade; foi quando o inimigo, aliviado da pressão russa, pareceu querer lançar-se sobre as linhas do Doiran e de Vardar. Os acontecimentos, porém, tomaram rumo muito diferente do que se podia esperar.

Na Merspotamia os ingleses, depois de terem sofrido o revez de Kuta-el-Amara, em que ficou prisioneiro o general Townshend, na primavera de 1916 refizeram as suas fôrças e alcançaram importantes triunfos com a tomada de Bagdad pelo general Maude, em 11 de março.

Na Palestina caiu-lhes tambem nas mãos Jerusalem, em

novembro, depois de terem infligido perdas importantes ao inimigo numa campanha difícil pela falta do necessário à vida das tropas, especialmente água.

É inútil encarecer a importância destes acontecimentos, não simplesmente no ponto de vista militar. senão também e talvez ainda mais pela influência que exercem sobre o moral dum povo impressionável e fanático.

Propositadamente deixamos para o fim desta breve resenha a frente oriental por ser nela que se deram os maiores acontecimentos do ano findo.

A Rússia, por um movimento revolucionário que no ocidente da Europa, onde se supunha aquele país invariavelmente fiel às suas tradições monárquicas, mal se podia prever, sacudiu numa manhã de março a sua velha constituição imperial, trocando-a por um regimen que a princípio se supôs ser uma república, mas que não tardou a degenerar numa quasi anarquia. Este violento abalo, num país tão profundamente conservador, não pode assim, num momento, ter alcançado o âmago da nação. É decerto um movimento superficial, que só atinge as cidades. Afirmar o contrário seria desconhecer a lentidão com que as populações rurais, mórmente num país enorme, sem viação, abandonam os seus hábitos seculares.

À História compete dizer um dia quem foram os verdadeiros autores desta revolução, feita aos gritos de: "Abaixo os germanófilos! Temos fome, queremos pão!" Quanto à desordem ulterior, os aliados accusam os alemães de a terem fomentado. Seja como iôr, o que é certo é que as esperanças que os aliados a principio nutriram, de que a guerra, sob o regimen republicano, tomasse um vigor novo, por um momento allmentadas com a ofensiva que conseguiu avassalar Galícia, e não tardaram a dissipar-se como fumo.

Pela sua parte os impérios centrais responderam à agressão da nova Rússia, do lado da Galícia, rechaçando as suas tropas para além do Zbruez, na fronteira da Podólia, ao norte, tomando Riga e indo fortificar-se numa linha de cobertura a 50 quilómetros além desta cidade.

Tudo levava a crer que da primeira daquelas posições procurariam atingir Odessa e que da segunda o seu objectivo seria Petrogado. Esta expectativa geral foi, porém, iludida, porque os meses passaram e os exércitos austro-alemães não se

deslocaram das suas posições, o que uns, segundo o costumes, atribuíram a esgotamento, e outros a razões de ordem politica, isto é, ao facto de estarem emfim alcançados, daquelle lado, os limites do pangermanismo da *Mitteleuropa*, como por identico motivo, em 1915, os atacantes se detiveram na Lituânia e na Polónia. De facto, o imperador assim o fez crer pela fala que dirigiu ao seu exército, em setembro, quando lhe passou revista, em Riga, dias depois da rendição. «Esta cidade, disse êle, fundada pelo antigo espirito hanseático alemão, cuja história é alemã, que sempre fez esforços para conservar o seu antigo character alemão, teve que experimentar grandes provações. Ei-la de novo libertada do jugo estrangeiro pelo exército alemão que representa todos os ramos do povo teutónico».

No momento em que escrevemos estas linhas a Rússia, desligando-se dos aliados, trata da paz com a Alemanha, e em breve se verá se eram ou não fundadas as conjecturas da imprensa aliada, que, de carinhosa, se tornou agressiva para o povo moscovita, a quem mesmo dirige os insultantes epitetos de traidor, de rebanho que receia bater-se e outros igualmente injuriosos. A isto responde a Russia alegando o estado da sua politica interna, que a inutilisa para a luta, e apontando a lista dos seus serviços à causa comum, a saber, a invasão da Prussia oriental, em 1914, que salvou a França de ser esmagada, a pressão na Galícia, que salvou nma vez a Italia, e a imobilisação na sua fronteira, durante dois anos e meio, de muitas divisões inimigas.

Tais foram, em brevissimo sumário, os acontecimentos de 1917 nas frentes terrestres.

No mar a campanha submarina, iniciada em fevereiro, manteve-se tenazmente até ao fim do ano, sendo o principal feito do inimigo a destruição do couraçado francês *Danton*, de 18.400 toneladas, no Mediterraneo, em 19 de março. Todavia os navios ingleses foram os que experimentaram maiores perdas, o que não é para surpreender, porque tambem a marinha inglesa é a mais terrivel inimiga das forças navais alemãs.

Faltam dados de absoluta confiança para um computo, mas admitindo, o que não andarà muito longe da verdade, uma média de 20 navios britânicos afundados semanalmente desde o começo desta fase da luta até o fim do ano, e sendo 47 as semenas que decorrem desde o primeiro de fevereiro, achamos

um total de 940 navios irremediavelmente perdidos para o comércio. A isto responde o almirantado inglês procurando destruir os submarinos, o que tem conseguido em parte, e aperfeiçoando e multiplicando os seus estaleiros para substituir por outros os navios afundados e para reparar prontamente os avariados.

Nesta luta titânica a Inglaterra não tem infelizmente levado a melhor, pois o sr. Eric Geddes, primeiro lord do almirantado, com aquela honrada franqueza e hombridade que caracterizam os estadistas da raça anglo-saxónica, disse na Camara dos Deputados do seu país, em 13 de dezembro, as seguintes palavras, que bem definem o estado do duelo marítimo:

«Há seis semanas as providências tomadas por nós contra os submarinos ampliavam-se e aumentavam de eficácia, mas o inimigo constroee submarinos mais rapidamente do que nós destruimos. O inimigo afunda os nossos navios mais rapidamente do que nós os substituímos».

As declarações do sr. Eric Geddes, que poderiam desanimar qualquer outro povo que não tivesse a tenacidade anglo-saxónica, resumem-se no seguinte: a marinha britânica encara de frente o perigo, mas não conseguiu ainda domina-lo.

Domina-lo ha um dia? Não temos elementos para o responder a tal pergunta, mas o que nos parece incontestável é que o submarino acabou de vez com o dominio dos mares, que doravante ninguem se poderá jactar de possuir como nos bons e longiquos tempos de Nelson, pois o senhorio dos oceanos, na sua acepção mais lata, abrange não só a faculdade de poder transportar tropas duma banda para outra, senão também o trânsito livre dos navios de comércio sem correrem o risco de serem afundados.

Esta guerra ficará indubilavelmente como um marco na história das marinhas de guerra.

Se passarmos agora a encarar o ano findo no ponto de vista do emprêgo profissional das diferentes armas e serviços, pouco poderemos acrescentar ao que era já conhecido e cremos que mesmo depois de finda a guerra ha-de decorrer

muito tempo antes que alguma coisa se possa dizer com segurança. Por agora a imprensa técnica está muda, não só por ser inoportuna a ocasião para discretos estudos profissionais, senão também porque aqueles que mais e melhor a poderiam enriquecer com o fruto da sua experiência, aguardam nos acampamentos e nas trincheiras a hora de deporem as armas para se entregarem a estudos incompatíveis com o bulício da guerra.

Na frente ocidental a campanha conservou como no ano anterior a feição de luta de trincheiras, obedecendo aos princípios gerais já divulgados, isto é, preparação intensa pela artilharia com nutrido fogo para destruição das defesas inimigas, seguida da intervenção da infantaria, em ataques à granada e à baioneta, protegida pela artilharia com os seus fogos de vedação ou de barreira, que lhe permitam a posse real e a organização das posições conquistadas, o que por vezes é mais penoso que a própria conquista. Na Flandres, porém, o laborioso avanço de que resultou a tomada de Messines parece ter-se afastado daqueles preceitos, pois esperando-se obter grande resultado pela surpresa, dispensou-se a cooperação da artilharia no período que precedeu o ataque.

No período preparatório desta batalha a engenharia pôde prestar valiosos serviços com a abertura de formidáveis minas que perfuraram a terra à profundidade 100 metros, fazendo depois saltar numa área enorme a posição inimiga, que sepultou nos seus destroços muitos homens e material.

Nas linhas italianas a guerra tomou por um momento a feição de luta manobrada, com grande intervenção da cavalaria, que em França tem continuado inactiva. Nada, porém, é possível por enquanto avançar acerca do modo como essa arma foi empregada, sendo porém de crer que à operação tivessem presidido os princípios pre-estabelecidos, pois que os princípios são imutáveis, variando só a sua aplicação. Outro tanto parece ter acontecido em Riga, onde a luta por um momento abandonou as trincheiras.

A navegação aérea teve no ano transacto a mesma larga aplicação do anterior, se não ainda maior, o que constitue um outro facto dos muitos que hão-de assinalar esta guerra entre as demais.

Duma outra arma se poderia talvez falar aqui, arma mais

terrível que todas as outras e que ambas as partes teem maneado com maravilhosa mestria: a imprensa. Se não fôra ela a guerra estaria talvez acabada, ou pelo menos não teria assumido o aspecto incarniado, quasi feroz, que a caracteriza. Sem a imprensa, sem a campanha de calúnia que ela tomou à sua conta, ao lado da campanha das armas, cavando um abismo cada vez maior entre os contendores, as divergências entre uns e outros não pareceriam talvez tão profundamente insanáveis. Foi ela, foi a sua fôrça irresistível que levantou países que, se não fossem as suas vergastadas, ficariam talvez em paz. Que sementeira de ódios irreduzíveis ela tem feito! Por outro lado, sem a imprensa seria impossível esta consubstanciação íntima dos combatentes com a nação, que se despoja de tudo, que faz todos os sacrifícios para lhes aumentar a resistência e para lhes minorar os sofrimentos. A história julgará um dia o emprêgo que os contendores fizeram desta arma, que o passado mal conheceu.

Reatando, porém, as nossas considerações sobre o uso técnico das armas, forçoso nos é reconhecer que nada de novo se regista em 1917.

Não assim em matéria de organização. Nesse campo, além do aperfeiçoamento do já existente no sentido de alcançar maior rendimento, — fabrico de munições e de material, reparação de navios avariados por ataques inimigos, subsistências, finanças, recrutamento, etc., etc. — ha a assinalar a criação dum novo ministério em Inglaterra, o ministério do ar, e a dum conselho de guerra inter-aliados com o fim de alcançar maior unidade nas operações militares.

O ministério denominado do ar, isto é, da aviação, em outubro, veiu juntar-se a outros, como o do bloqueio, o das munições, o das subsistências, etc., que ha alguns anos a nossa imaginação mal teria concebido. Quando dizemos a nossa imaginação, queremos significar a dos povos latinos em geral e mesmo a de alguns outros, pois parece certo que na Alemanha, país que, no sugestivo conceito de lord Asquith, era o mais bem preparado para a paz e para a guerra, na Alemanha, íamos dizendo, estas coisas estavam não só previstas, senão também estudadas. Infelizmente para essa nação a guerra prolongou-se e os aliados tiveram tempo de aprender a lição, podendo os generais teutónicos, ao verem a iniciativa dos ini-

migos, repetir a histórica frase de Napoleão ao contemplar os progressos dos ingleses. que o haviam de esmagar:

Ils ont enfin appris quelque chose,

A criação do ministério do ar impunha-se realmente, porque a aviação tem tomado tal incremento que o seu numeroso pessoal, as suas escolas, as oficinas de fabrico do material e muitas outras exigências de organização são mais que suficientes para aboverarem a atenção dum ministro especial, aliás reclamado pela imprensa por ocasião dos *raids* alemães ao sul da Inglaterra, que provaram que a falta de unidade prejudicava o serviço de aviação.

Não sabemos ao certo se em França se seguiu neste assunto a Inglaterra, mas recorda-nos que pouco antes de findar o ano um dos principais periódicos daquele país pugnava pela necessidade de crear imediatamente um corpo especial de aviação, pois a multiplicidade de officiais de diferentes armas, com a sua promoção por quadros diferentes, era, além de causa de outros inconvenientes, origem de confusão, pois acontecia muitas vezes que individuos que se achavam à frente de certos serviços, se viam de repente subordinados daqueles a quem tinham de dirigir.

O conselho militar inter-aliados, nome que não é muito apropriado, porque certas nações aliadas não tem nele representante algum, causou a principio susceptibilidades, pois se imaginou que era das suas atribuições dirigir as operações militares, ficando os generais comandantes de tropas numa espécie de dependência ou coacção, que muito prejudicaria a sua iniciativa. Não é, porém, assim. Interrogado a tal respeito no parlamento, o sr. Loyd George respondeu: «A primeira pessoa que propôs um conselho de guerra do género daquele que agora se creou, foi lord Kitchener em 1915. A segunda vez que a criação desse conselho se agitou, foi em julho deste ano, na reunião dos chefes do estado maior aliados. A proposta veio dos grandes soldados desta guerra; não de civis que quizessem usurpar a direcção das operações militares. Os membros do conselho, que é permanente, coordenarão as informações fornecidas pelos estados maiores de todas as frentes, o

que permitirá ao corpo central seguir a situação em todos os pontos da extensa linha de combate.»

Uma consequência desta unificação de esforços, que muito concorre para a resistência da Alemanha, foi a prontidão com que franceses e ingleses formaram ao lado dos italianos na linha de Piava, em fôrça bastante considerável.

O ano findo anunciou-se impensadamente o da vitória, e assim se chamaram também os empréstimos que se fizeram, e outras providências, algumas de certa dureza, que foi necessário impôr às populações.

As esperanças dos aliados foram certamente exageradas, mas se no oriente e no ocidente a pressão tivesse sido simultânea, os resultados obtidos teriam sido importantes. As seguintes palavras do primeiro ministro inglês sr. Lloyd George, definem bem os fundamentos do projecto e as causas do seu malôgro. Dizia êle na camara dos deputados, em dezembro: «Seria vão pretender que as esperanças concebidas no principio do ano se realisaram, mas a nossa decepção deve attribuir-se à desorganisação da Rússia. No comêço deste ano o exército moscovita estava mais bem provido de peças, metralhadoras, aeroplanos e munições do que em nenhuma fase anterior da guerra. As nossas previsões, por consequência eram de que com um exército russo poderoso, bem equipados, exercendo pressão no oriente, com os exércitos britânicos e franceses actuando no ocidente e o exército italiano na Itália, poderíamos infligir aos alemães uma derrota decisiva. Creio poder dizer que os acontecimentos do ano provam que se a Rússia tivesse correspondido à nossa legitima expectativa, não teríamos hoje de que nos queixar».

Aí estão claramente expostas por um dos principais dirigentes da guerra as causas do malôgro das esperanças dos aliados.

Igual sorte tiveram as tentativas de paz de sumo pontifice, que a muitos se afiguraram viáveis. As propostas pontificias desagradaram, porém, a muitos dos beligerantes, especialmente aos franceses e aos italianos, porque nelas se dizia,

salva a forma, que voltando os beligerantes às posições ocupadas antes da guerra, as questões sobre os territórios em litígio seriam resolvidas entre os estados directamente interessados. Era isto o que feria principalmente as pretensões da França à Alsácia-Lorena e as da Italia à terra irredenta.

O ano findou pois sem a almejada paz, nem é facil agora prevêr quando baterá a hora de depôr as armas.

O que será o actual ano, que já se chama o ano decisivo? O que se nos afigura é que, auxiliados pelos norte-americanos, cuja entrada na guerra é certamente o acontecimento culminante de 1917 e de quem se afirma que trarão à França um milhão de homens, os aliados tentarão num esforço gigantesco levar de vencida o adversário. Deve ser um embate formidável o da próxima primavera, talvez o maior de todos. Fará então muita falta a pressão russa, porque os impérios centrais, ha muito impropriamente comparados a uma fortaleza cercada, que havia de ceder mais cedo ou mais tarde, têm agora livres as suas fronteiras orientais.

«Esta guerra, dizia ainda o sr. Lloyd George, na sua linguagem sempre tão sugestiva, é uma guerra de usura, de esgotamento. A vitória será daquele que tiver o último bocado de pão».

A falência da Rússia com, ao que se diz no momento em que escrevemos, o reatamento das suas relações comerciais com a Alemanha, foi realmente um grande desastre, cujas conseqüências ainda não foram bem sentidas.

O nosso país, depois duma laboriosa e lenta preparação, mandou para as trincheiras, no mês de maio, o seu primeiro contingente de tropas.

A facilidade com que os soldados portuguezes, na sua maioria rudes habitantes das nossas aldeias, se adaptaram ao meio para onde foram subitamente transplantados, e a abnegação com que o fizeram, são verdadeiramente admiráveis e evocam ao nosso espirito os grandes feitos da nossa raça. Lembram-nas aqueles históricos dias, no alvorecer do século XVI, em que os nossos antepassados, tambem num meio hostil e inteiramente diferente daquele em que tinham sido crea-

dos, fizeram a conquista da costa de Africa com uma inabalável pertinácia, lutando simultaneamente com um inimigo astuto e um clima mortifero, e foram com a mesma audácia honrar o nome portuguez nas regiões mais longíquas da India. Mas não é só a sua adaptação ao meio que é crêdora da nossa admiração; tem jus a ela tambem a coragem com que afrontam as correrias ínimigas e com que amanhã, por seu turno, sairão das suas trincheiras a atacar os adversários.

Em Moçambique, nessa terra tão regada pelo sangue portuguez, alguns dos nossos, em concordancia com os aliados, sustentaram em todo o ano de 1917, e sustentam ainda, uma campanha em extremo árdua, nem sempre com os recursos indispensaveis. Na Europa, na extensa linha onde se jogam os destinos de muitas nações, temos a nosso cargo um sector.

É inoportuna a ocasião para inquirir se esta seria a melhor forma da nossa intervenção; pena foi que se não discutisse largamente tal matéria quando se devia ter versado. O país só teria a lucrar com isso e o governo teria a escudá-lo a grande força da opinião pública.

O esforço de Portugal nesta conjuntura é colossal, e a posteridade ha-de julga-lo com o louvor que êle merece. Manter em armas um efectivo que excede muito cem mil homens, na sua maioria em França e em Africa, e cuja manutenção exige somas fabulosamente grandes; ver as suas indústrias, já de si precárias, quasi paralisadas, e a agricultura a reclamar os braços que lhe fogem; sentir os meios de subsistência a escassearem assustadoramente, e presentir no horizonte da politica sempre novas dificuldades, é realmente uma situação que só se pode vencer à custa de muitos sacrificios.

Não é esta, todavia, a primeira vez que Portugal resiste victoriosamente, a estes grandes embates, que por vezes sacodem as nações. Mais crítica, muito maior critica mesmo, foi a quadra das campanhas peninsulares, e Portugal não succumbiu. Tinhamos então em armas, entre tropas de linha e milicias, cêrca de oitenta mil homens, o que era muito para a população daquele tempo, que andava por metade da de hoje, o país achava-se talado pelo inimigo, que arruinára as fábricas e destruíra a agricultura, matando aglumas indústrias incipientes; em certas localidades a auctoridade desaparecera de todo, numa confusão medonha; se em algumas povoações abun-

davam as subsistências, noutras morria-se de fome, porque não havia então, como hoje, os meios rápidos de transporte e de comunicação que permitem acudir rapidamente onde se faz mister; tudo isto e muito mais tornava a situação de Portugal no comêço do século passado bem mais melindrosa que a de hoje. O seu esforço foi decerto gigantesco, mas viveu, como ha-de viver agora para gosar os beneficios da paz.

Lisboa, janeiro de 1918.

TEIXEIRA BOTELHO

Coronel de artilharia



O NOSSO ESFORÇO MILITAR EM AFRICA

(Continuado de pag. 96)

A acção da expedição

A ocupação de Kionga e a passagem do Rovuma

As informações obtidas sobre as forças europeias e indígenas que os alemães poderiam mobilisar davam como certos os seguintes elementos:

2.000 europeus;
20.000 askaris;
80 bocas de fogo de pequeno calibre;
100 metralhadoras.

Para que pudesse ser eficaz a nossa cooperação na conquista da colonia alemã juntamente com as forças inglesas da Rhodesia do Norte e Nyasaland, considerou-se sufficiente a constituição do corpo expedicionario com o efectivo que indicámos adicionado das forças do destacamento de 1915, das unidades do Corpo de Policia dos Territorios do Niassa, das unidades europeias da guarnição de Moçambique e de companhias indígenas.

Teriamos, assim, em acção:

Destacamento de 1915	1.000	homens
Corpo expedicionario de 1916	4.600) euro- peus
2 companhias europeias	200	
Guarda Republicana	150	

3 companhias dos Territorios (300) indige-
10 companhias indigenas 2.500 nas
Total: 6.000 europeus e 2.800 indigenas.

Constitua objectivo primario da cooperação portuguesa a tomada de Kionga, e a conquista dos territorios ao Norte de Rovuma, para o que a colonia passaria este rio o mais perto possivel da foz, dirigindo-se a ocupar Luidi e Mikindane no litoral, e fazendo destes pontos bases de operações, inflectiria então para o interior da colonia alemã.

Infelizmente, porem, este plano favoravel à nossa acção só poudo ser levado à pratica na occupação de Kionga, não podendo ser efectuado na parte mais importante porque as forças da União, sob o comando do general Smuts, antecipando-se aos nossos designios tomavam e occupavam Lindi e Me-kindane.

Foi este o primeiro insuccesso, porque a modificação do primitivo plano dando às forças portugesas uma nova missão para eficazmente cooperarem com as tropas inglesas, tornou-a mais difficil de executar, levando-as a operar a algumas centenas de kilometros da base para se internarem depois no territorio inimigo.

Emquanto na metropole se estava procedendo à organização do corpo expedicionario, tratava-se em Moçambique de iniciar a execução do plano de campanha batendo e occupando Kionga.

Grande foi o enthusiasmo com que as nossas tropas, até então inativas, receberam ordem para o inicio das operações; e, — honra é dizel-o — nele se houveram com grande brio.

Preparadas as forças que deviam executar esse plano occupava-se, no dia 10 de abril de 1916, Kionga, tendo os alemães abandonado o territorio precipitadamente, não oferecendo resistencia.

Ocupado Kionga montaram-se em seguida na margem direita do Rovuma os postos de Namaca, Namiranga, Namoto, e Nachinamoca e o posto de Nhica junto ao extremo Oeste desse territorio.

Em 23, porem, os alemães principiaram a hostilizar-nos atacando o posto de Nanuto com 5 metralhadoras.

Durou o combate desde o amanhecer até às 10 horas e meia, obrigando as nossas forças o inimigo a retroceder com baixas no seu pessoal e perda de uma metralhadora.

Conseguimos ainda apreender um comboio de viveres que procurava passar a margem esquerda, auxiliado pelo ataque ao posto.

Não desistiram os alemães e em 8 de maio atacaram o ponto de Nhica sendo repelidos, ataque que repetiram a 12 com igual sucesso para nós.

Neste ultimo dia as forças alemãs chegaram a uma distancia de 50 metros dos nossos.

Ocupado Kionga e sabendo-se que os alemães procediam à concentração de forças julgou o governador geral de Moçambique azada a ocasião para tentar a passagem do Ruvuma antes mesmo da chegada do corpo expedicionario metropolitano, contando tão sómente para essa tentativa com as forças terrestres e maritimas de que dispunha.

Nesta orientação, em 21 de maio, a esquadilha do «Adamas-tor» constituída por dois rebocadores e duas lanchas armadas com 2 peças de 37^{cc} e 2 metralhadoras subiu o Rovuma, em reconhecimento, e bateu a sua margem esquerda, desde a foz até à Fabrica alemã, que ficava na altura do nosso posto de Namoco.

Os alemães retiraram sem combater, e a força de marinha, desembarcando, destruiu alguns trabalhos de fortificação e incendiou palhotas.

Marcada para 27 a passagem do Rovuma, resolveu-se efectual-a em dois pontos: em Namiranga e em Namoca.

Distribuidas as forças que deviam constituir estas duas colunas, procedeu-se ao respectivo embarque com grande entusiasmo, preparando a artilharia a passagem das forças.

Quando, porem, as embarcações, que conduziam as primeiras tropas, se acharam já perto da margem Norte o inimigo, que até então oferecera fraca resistencia, fez incidir sobre as embarcações o fogo intenso das metralhadoras, causando-nos logo algumas baixas e obrigando-nos a retroceder, não se podendo evitar que duas delas ficassem encostadas à margem inimiga.

Foi esta passagem um insucesso, no entanto nelas se afirmou, apesar das perdas que sofremos, a coragem com que se bateram as nossas forças de terra e mar.

No dia seguinte os alemães vieram atacar o posto de Unde, na margem direita do Rovuma, e a montante da confluencia deste rio com o Lugenda, ataque em que foram repellidos, soffrendo algumas baixas, e sendo-lhes apreendido o armamento que transportavam numa embarcação, que foi afundada.

Não deixaram, porem, de continuar a incomodar-nos como se pretendessem cançar-nos, e, assim, em 13 de junho, os alemães atacaram o posto de Namaca, empregando balas explosivas e granadas de mão, mas ao fim de uma hora de fogo eram forçados a retirar.

Terminou com este ataque ao posto de Namocha as pequenas operações, anteriores à chegada a Palma do corpo expedicionario do comando do sr. general Gil, — que em 5 de julho assumia ali o comando.

Principiou então a concentrar-se em Palma, as peças o material de guerra, viveres, solipedes, etc., que da metropole fôra enviado, como atrás mostrámos.

Com grande demora e difficuldade, pela falta de elementos, poudes realizar-se a descarga de toda a impedimenta demorando-se por esta forma a concentração até à primelra quinzena de setembro.

Entretanto a acção das forças inglesas acentuava-se dia a dia, fazendo prevêr que os alemães batidos nos diferentes recontros travados, seriam obrigados a entregar-se, considerando-se vencidos.

Era realmente critica a nossa situação.

Temo-nos disposto aos maiores sacrificios, conseguir remover todas as difficuldades, e levar até Palma um elevado efectivo de tropas expedicionárias; tornar sciente o Govêrno Inglês da nossa cooperação na campanha contra o Leste Africano e vemo-nos em risco de assistirmos impotentes ao desenlace da luta sem que dela houvessemos participado era motivo, mais que sufficiente, para sérias apreensões, pelo ridiculo que sobre nós cairia.

Mas como evitar uma tal situação, se, como dissemos, a concentração das forças em Palma, foi demorada, e os camions enviados da América e da metrópole só ali chegaram, os primeiras na primeira quinzena de setembro, e os segundos só partiam de Lisboa a 12 do mesmo mês?

Posta a questão neste pé occorre perguntar se com os meios

de transporte já existentes em Africa, carros alentejanos, os automoveis «Italá» idos de Angola, os 20 camions «Reus» adquiridos na Africa do Sul e os que por ventura estivessem ainda em estado de servir dos que haviam acompanhado a expedição de 1914, poderia o corpo expedicionário entrar em acção logo que chegaram a Palma as forças, solipedes e material preciso para a constituição da coluna ou colunas de invasão do territorio inimigo.

Difícil se torna responder, porquanto, só quando fôr publicado o relatório do sr. general Gil, se poderá conhecer, em todas as suas minucias as dificuldades que aquele official teria encontrado em Pálma para a concentração das forças e os meios de que dispunha para as poder mover.

Só ele, como comandante em chefe das operações, nos poderá mostrar quais os obstáculos que se opuzeram a uma acção rápida e decisiva, como convinha, que se desse, atenta a marcha das operações além Rovuma, sob a direcção do general Smuts, afigurando-se-me, porém, que esses obstáculos teriam sido quasi que insuperaveis.

Até lá são prematuros todos os juisos que se possam formar.

Feitas estas ligeiras considerações encetaremos agora as operações efectuadas já sob o comando do sr. general Gil.

Resolvido a passar o Rovuma e a ocupar os territórios ao Norte deste rio e elaborado o necessário plano, deu-se principio à sua execução no dia 19 de setembro.

Para este fim uma coluna destacada atravessou o rio em Nhica a 40 quilometros da foz, dividindo-se o grosso das forças em três, que realizaram a travessia muito mais a juzante e em pontos diferentes, e cooperando na travessia o «Adamas-tor» e «Chaimite» na foz do Rovuma.

O objectivo era marchar em direcção a Mekindam e Lindi. A coluna de Nhica teve que sofrer o embate dos alemães, cuja resistencia forçou, indo arvorar a bandeira nacional a 6 quilómetros para o interior.

Das outras três colunas, a da direita passou o rio em jangadas e as restantes a vau, mas sem resistencia,

No dia seguinte a coluna de Nhica avançava mais 12 quilómetros na estrada de Mekindane ocupando Mkembe sem resistencia. A da esquerda ocupou Katibus e um quartel ale-

mão, marchando depois para Nakoa's e as colunas do centro e da direita seguiram para Migamba e pela estrada de Mekindane alcançando Letocoto, na baía do Rovuma.

Não foi isenta de perigos a travessia do Rovuma, pois que, como é sabido, constitue sempre uma operação difficil de executar a passagem dum rio.

Neste lance portaram-se as tropas bem, executando aquella passagem por forma a merecer louvores ao general comandante.

Procedendo-se a reconhecimentos na margem Norte do Rovuma apreenderam-se 50 espingardas e 8.000 cartuchos e pela telegrafia sem fios estabeleceu-se comunicação com as forças inglesas que já ocupavam Mekindane.

Em 24 de setembro saíram de Migomba dois fortes reconhecimentos constituídos por officiais de estado maior com elementos montados, um que se dirigiu para Mekindane, onde chegou no dia seguinte, e outro para montante do Rovuma, em direcção a Newala, pela sua margem esquerda.

Pelas forças que haviam atravessado o Rovuma foram, no território conquistado, montados os seguintes postos militares:

Muasi, na estrada do Rovuma para Mekindana, Katibus, Tshidia, Missambui e Ntshitshira na direcção de Newala e a 20 quilómetros uns dos outros

Em 6 de outubro as forças que haviam seguido para montante do Rovuma e se dirigiam a Newala foram atacadas próximo do rio Nhundi, sendo o inimigo repellido com perdas.

Em 21, uma coluna que tinha ido pela margem direita do Rovuma reforçar o reconhecimento de Newala e que havia atravessado o rio em Mocimboa, encontrou em Nakalala o inimigo, obrigando-o a retirar, e continuando no dia seguinte a marcha, teve novo recontro com o inimigo, obrigando-o, após demorado combate, tambem a retirar precipitadamente, sendo-lhe apreendido armas, munições e ferramenta.

A retirada do inimigo, encorajando os nossos e levantando-lhes o moral, dispoz bem as forças para atingirem o seu objectivo, que era a occupação de Newala.

Assim, após um longo percurso e através das muitas difficuldades de abastecimento e comunicações a coluna batendo o inimigo, que defendia os pontos da defesa avançada de Newala, tomava esta posição em 26 de outubro pelas 18 horas. Foi renhida a luta.

O inimigo que ocupava o fortim, numa posição dominante e fortemente entrincheirado, dispondo de numerosas defesas acessórias, respondeu com fogo de artilharia ao nosso bombardeamento.

Não se podendo manter pela intensidade do nosso ataque, o inimigo, depois de haver incendiado e destruído com dinamite as suas fortificações, retirou precipitadamente, sendo perseguido energeticamente pelas nossas forças.

As perdas sofridas pelas tropas alemãs foram importantes, tendo-lhe nós apreendido grande quantidade de dinamite, bombas de mão, petardos, ferramenta, vários materiais de guerra e uma peça de artilharia.

Com a ocupação de Newala ficámos a 30 quilómetros ao Norte de Rovuma e a 200 de Palma.

Depois de concentrados os abastecimentos e reorganizadas as unidades da coluna iniciou-se, na madrugada de 8 de novembro, o avanço, a fim de se apossarem dos depósitos de água.

Comandava a coluna o malgrado major de artilharia Leopoldo Silva. Travou-se o combate próximo da povoação de Kiwanda que o inimigo defendeu tenazmente para se manter na posse da água, mas foi repellido para além de Mongamo a 25 quilómetros de Newala.

Neste recontro ficou gravemente ferido o comandante da coluna, major Leopoldo Silva, que veio a falecer em resultado dos ferimentos recebidos.

A coluna estacionou no terreno conquistado, onde se entrincheirou, mas vendo ameaçadas as comunicações o major Cunha, que assumira o comando, retirou para Newala.

As forças que ocupavam Newala eram constituídas por engenharia, artilharia de montanha, companhias de infantaria europeia e indígena e serviços auxiliares num total de 35 oficiais, 37 sargentos, 409 cabos e soldados europeus, 496 indígenas, ou sejam 977 homens, e mais 495 carregadores.

A 22 de novembro era atacado o posto que defendia a Ribeira de Newala, ataque que durou até à tarde e que se presume foi efectuado por três companhias com metralhadoras que, após três ataques à baioneta, obrigaram a retirar as nossas forças sobre Newala.

Mantiveram-se os nossos durante bastante tempo, como se vê, embora houvesse grande diferença entre os efectivos dos

defensores e atacantes pois que a guarnição daquele posto era constituída por uma companhia indigena e por um pelotão europeu.

Ocupando a Ribeira creou o inimigo uma situação embaraçosa à guarnição de Newala, porquanto ficara o seu abastecimento de agua reduzido apenas à de duas cisternas existentes no fortim, que tinham pouca agua por não terem ainda começado as chuvas.

Esta situação ia tornar-se mais critica.

Os alemães, cercando-nos de 22 a 28 de novembro, cortaram-nos as comunicações.

Conhecendo-se pela telegrafia sem fios a situação dos nossos, foi ordenado que uma coluna de socorro, constituída por forças dos postos de comunicações e outras que expressamente para tal fim foram enviadas, marchasse em socorro de Newala com o objectivo de as restabelecer.

Na madrugada de 28 de novembro marchara de Mahuta sob o comando do capitão Pereira de Azevedo a coluna de socorro composta de 70 europeus, 250 indigenas e 2 metralhadoras, mas encontrando o inimigo fortemente entrincheirado foi obrigada, após o combate travado, a retroceder.

Contribuiu para este insucesso o facto da guarnição de Newala não ter podido, por seu turno, atacar o sitiante collocando-o, assim, entre dois fogos.

Agravando-se, por este motivo, a situação para os sitiados estes conseguiram, iludindo a vigilancia, saír do forte na noite de 28 de novembro tendo previamente inutilisado as 4 peças de artilharia de montanha e a estação de telegrafia sem fios, chegando as forças desorganizadas e dispersas a Mocimbo e a Nangadi, no dia seguinte, depois de uma marcha através de mato.

O inimigo não perseguiu os nossos, mas dias depois iniciava o ataque aos postos estabelecidos, que tiveram de ser retirados, excepção feita do posto da Fabrica, que foi reforçado para que pudesse servir de base a futuras operações. Terminou, assim, de uma fôrma desastrosa para nós a invasão do territorio alemão, não só pelas perdas de material, que foram grandes, mas tambem pela profunda depressão moral que tal facto causou em tropas, que se sentiam já muito abaladas fi-

sicamente pelas doenças originadas na insalubridade da região.

Começando a época das chuvas e principiando a subir as águas do Rovuma, dificultando os vaus, não puderam as operações proseguir tratando-se tão sómente de proceder á reocupação dos postos da margem Sul daquele rio e alongando-nos na margem Norte para montante da Fabrica.

(Continúa)

E. BARBOSA.

1.º ten. cor. de Infantaria



Corpo de exercito expedicionario portugûês

ROL DE HONRA

Baixas em França

Mortos desde 28 de outubro a 3 de novembro de 1917:

Por ferimentos em combate:

Regimento de infantaria n.º 7:

Soldado n.º 233 da 4.ª companhia, Domingos Placido.

Regimento de Infantaria n.º 8:

Soldado n.º 231 da 1.ª companhia, Domingos de Campos.

" " 547 " " " João Pereira da Costa.

" " 613 " " " Domingos Barbosa

Araujo.

Regimento de Infantaria n.º 9:

Soldado n.º 371 da 2.ª companhia, João Duarte.

Regimento de Infantaria n.º 20:

1.º cabo n.º 384 da 1.ª companhia, Manoel d'Oliveira.

Soldado " 483 " " " Domingos Gonçalves.

" " 486 " " " João Correia.

Regimento de Infantaria n.º 23:

Soldado n.º 422 da 2.ª companhia, Joaquim Antunes.

Por desastre em serviço:

Regimento de Infantaria n.º 7:

1.º cabo n.º 245 da 3.ª companhia, Manoel Luiz Pereira.

Mortos desde 4 a 17 de novembro:

Por ferimentos em combate:

Regimento de Artilharia n.º 7:

Soldado servente n.º 157 da 2.ª bateria, Antonio Augusto Fernandes.

3.º Grupo de Metradoras:

Soldado n.º 156 da 2.ª bateria, Ricardo Gomes Agra.

Regimento de Infantaria n.º 3 :

Soldado n.º 358 da 2.^a companhia, Manoel José Gomes.

Regimento de Infantaria n.º 8 :

Soldado n.º 414 da 2.^a companhia, Anibal Carneiro de Oliveira.

Regimento de Infantaria n.º 10 :

Soldado n.º 334 da 4.^a companhia, João Francisco Fernandes.

Regimento de Infantaria n.º 12 :

Soldado n.º 418 da 2.^a companhia, Bernardino Alves.

" " 84 " 3.^a " Alfredo Brigas.

Regimento de Infantaria n.º 15 :

Soldado n.º 516 da 2.^a companhia, Joaquim Francisco de Sousa.

Regimento de Infantaria n.º 19 :

1.º cabo n.º 655 da 1.^a companhia, Carlos Augusto.

Soldado n.º 204 da 4.^a " Adelino Santos Pona.

" " 586 " 3.^a " Abilio Pinto.

Regimento de Infantaria n.º 20 :

1.º cabo n.º 457 da 2.^a companhia, Arnaldo Pedrosa.

Soldado n.º 155 da 3.^a " João Ribeiro.

" " 430 " " Avelino Pereira Brites.

Regimento de Infantaria n.º 23 :

Soldado n.º 406 da 4.^a companhia, João Simões Donario.

Regimento de Infantaria n.º 24 :

Soldado n.º 578 da 4.^a companhia, Manoel Marques de Almeida.

Regimento de Infantaria 29 :

Soldado n.º 701 da 1.^a companhia, Joaquim Fernandes.

Por desastre em serviço :*Regimento de Infantaria n.º 32 :*

Soldado n.º 533 da 2.^a companhia, Antero Pacheco.

Lisboa, 27 de Novembro de 1917.

(Continúa).

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Os novos gases. — As substâncias de que eram até estes últimos tempos carregadas as granadas de gaz dos alemães eram, ou corpos toxicos (oxicloreto de carbone, etc.), ou corpos lacrimogeneos (brometo e iodeto de beneibe, etc.). Há já algum tempo, elles empregam também muito nesta última categoria, o cloreto e o brometo de xilile, análogos ao corpo precipitado e de origem semelhante, porque o xilene é extraído também do alcatrão de hulha.

Além dos gazes lacrimogeneos e sufocantes, elles empregam as granadas de «gazes visicantes», cujos efeitos foram sentidos pela primeira vez, quando do recente bombardeamento de Amantières.

Estes gazes têm a seguinte particularidade de produzir sobre a pele, fenómenos de inflamação e de queimadura muito análogos aos efeitos de um vesicatório: O que os torna bastante perigosos, é que são invisíveis e quasi inodóros; como também os seus efeitos que não são immediatos e que as queimaduras que causam, só começam a manifestar-se ao cabo de algumas horas e até de alguns dias.

Estas queimaduras são perigosas quando são extensas, como todas as queimaduras; sabe-se que se cerca duma quarta parte da superficie da pele está queimada, ainda que seja no segundo grau, podem produzir-se fenómenos de entoxicação graves, porque as junções normais da pele se não podem exercer. Por outro lado, estes gazes, quando são respirados, produzem nos pulmões o mesmo efeito visicante que sobre a pele, com esta agravante que a mucose pulmonar é mais sensível, donde resulta às vezes uma inflamação, um oedema pulmonar e fenómenos de asfixia.

Estas substâncias têm um grau de ebulição muito elevado e emitem muito lentamente vapores muito pezados. Daqui se explica também que esses vapores tornam completamente intoleráveis todas as depressões de terreno e particularmente as excavações de granadas onde elas extagnam.

O melhor, pois, que temos a fazer quando uma localidade é bombardeada dessa forma, é refugiarmo-nos nos andares superiores das casas, ou em pontos elevados.

Quanto aos projecteis que servem de veículo a esses gazes, rebentam quasi sempre sem estrondo. é porque só contêm uma pequenissima carga explosiva, afim de que o produto incluso não se disperse num espaço demasiado vasto em prejuizo da sua efficácia local.

Uma das mais diabólicas applicações recentes de coisas já conhecidas é o emprego de «difenilchararsina», corpo que, como o seu nome o indica, contém arsenico e que, se não fôr detido por processos apropriados, penetra em tenuissima poeira liquida, atravez as compressas da mascara e dá ao portador desta uma vontade de espirrar, tão irresistível que torna quasi impossivel á pessoa que sofre um tal suplicio de deixar de tirar a mascara e por conse-

quência de aspirar os gases tóxicos, misturados de propósito ao corpo precedente.

Inglaterra

Produção de material de guerra. — Os seguintes algarismos, de procedência oficial, que transcrevemos da *Army and Navy Gazette*, indicam o rápido e constante aumento na produção de munições desde que começou a guerra, tomando como base a produção média mensal, de munições de artilharia desde o começo das hostilidades ao fim de junho de 1916.

Calibres	Produção média semanal no fim de junho de 1916	Produção média semanal, desde o 1.º de julho de 1915 a 30 de junho de 1916	Semana que terminou em 1 de julho de 1916	Semana que terminou em 25 de novembro de 1916
Canhões de 8 ^{cm} ,4	1	6 1/2	17 1/2	43
Obuzes de campanha de 11 ^{cm} ,4	1	8	27	46
Obuzes e canhões de calibre médio	1	7 1/2	34 1/2	66
Obuzes pesados de calibre superior a 15 ^{cm}	1	22	94	323

Hoje, estão-se fabricando em 8 dias e meio, o mesmo número de projecteis de 75^{mm}, que se produziam durante todo o primeiro ano de guerra (agosto de 1914 a igual mês de 1915). Em oito dias, a mesma quantidade de projecteis para obuzes de campanha. Em 5 dias e meio, as de obuzes e canhões de calibre médio. E para canhões e obuzes pesados, pouco mais de um dia.

Quanto à produção de munições para a artilharia de maiores calibres fabricam-se por semana, na actualidade, 3 vezes mais projecteis de 155^{mm}; 5 vezes mais de 200^{mm} dos que se produziam durante o primeiro ano de guerra. O número de projecteis terminados durante a semana de 1916, compreendida entre os dias 19 a 26 de novembro, excedeu em 30% o stok de munições de reserva disponível ao começar as hostilidades.

Canhões. — O aumento na produção deste material, acha-se expresso no seguinte quadro :

Calibres	Primeiro ano	Segundo ano	Dêsde 31 de julho a 29 de novembro de 1916 (4 meses)
Canhões de 8 ^{cm} ,4	100	240	45
Obuzes de campanha de 11 ^{cm} ,4	100	654	104
Obuzes e canhões de calibre médio	100	1.868	1:200
Obuzes pesados de calibre superior a 15 ^{cm}	100	363	623

O fabrico de canhões de 8^m,4 decaiu, como se vê, durante o último período, devido a que a dotação do exército em canhões ligeiros de campanha havia ficado completa, aproximadamente.

A produção média mensal de canhões de todos os calibres, comparando os resultados do primeiro ano de guerra com os do segundo período de 1916, foi o seguinte :

Calibres	Produção média semanal, durante o primeiro ano	Produção durante os 5 meses que terminaram em 2 de dezembro de 1916
Canhões de 8 ^m ,4	100	138
Obuzes e canhões de calibre médio	100	4:100
Obuzes pezados	100	1:250

Os números de fabrico de obuzes de campanha de 11^m,4 não foram incluídos aqui, por estar já completa a dotação necessária deste material.

Metralhadoras.—Os aumentos conseguidos no fabrico de metralhadoras, espingardas, granadas de mão e explosivos, foram igualmente satisfatórios. Se o número total de metralhadoras entregues ao exército durante o primeiro ano de guerra, se apresenta pelo número 100, o total ficaria indicado em relação a êle pelo de 1:250 ao finalizar o segundo ano e por 2.000 em 2 de dezembro de 1916.

Tomando como base a produção semanal de metralhadoras em novembro de 1915 e representando-se pelo número 100, o número correspondente à produção semanal em novembro de 1916, é de 410.

Espingardas.—O aumento na produção de espingardas, foi o que mais dificuldades teve. Por cada 100 espingardas fabricadas por semana em junho de 1915, foram construídas 160 no mesmo mês de 1916, e 173 em novembro de igual ano.

O número de espingardas concertadas e que voltaram ao serviço, foi aproximadamente igual à metade da produção total de espingardas novas.

A produção de cartuchos de espingarda e revolver, triplicou quasi durante o último ano. Tomando como modelo de produção sensível em junho de 1915 e representando-a pelo número 100, a produção semanal, no mesmo mês de 1916, fica por 280, e a do mês de novembro de 1916, por 230.

Explosivos.—O aumento no fabrico de explosivos foi extraordinariamente rápido. Por cada tonelada d'êste material empregada em setembro de 1914, consumiram-se 350 em julho de 1915 e de 11 a 12:000 em julho de 1916. Se a quantidade média de explosivos empregados na carga de projecteis em uma semana, em janeiro de 1916, se representar pelo número 100, os aumentos experimentados pela produção desde então com relação a êsse número, foram os seguintes: 180, em abril de 1916; 590 em julho, 920 em outubro e 1:120 na semana de novembro compreendida entre os dias 19 a 25.

A produção de munições para morteiros de trincheiras e granadas de mão, foi já desenvolvida por tal forma, que hoje não precisa aumentá-la.

De maio de 1915 ao mesmo mês de 1916, aumentou-se 33 vezes o fabrico

de granadas e 150 vezes o peso dos explosivos nelas empregados. O consumo de explosivos empregado no fabrico de munições para morteiro de trincheira, oferece a seguinte progressão: março de 1916, 100; junho, 121; setembro, 146, e a semana de novembro compreendida entre os dias 19 a 25, 151.

Italia

Produção fabril militar. — *La France Militaire*, na sua edição de 4 de janeiro de 1917, insere alguns dados sobre a produção fabril militar da Italia. A dar crédito, o número de fábricas militares italianas, sobe a 66 com 34:300 operários, sendo 12:500 do sexo feminino: o de oficinas eleva-se a 932 por 399:300 operários, dos quais 55:300 são mulheres. A estes números adicionam-se mais 1:181 estabelecimentos militares diversos, onde 33:000 homens e 45:000 mulheres, diária, e activamente labutam. Assim, o número total das fábricas, oficinas, depósitos, estabelecimentos militares fabrís, excede a soma de 2:150, nos quais existem perto de 450:009 operários.

Torpedos aereos. — Assevera o *Memorial de Ingenieros*, de Madrid, que o exército italiano está empregando com grande éxito torpedos aereos para destruir os obstaculos que as tropas austriacas oferecem às italianas, à retá-guarda das trincheiras.

O torpedo aereo mais uzado pelas tropas do general Cardona, é de calibre 305^{mm} e lançado por um morteiro, cuja potência de projecção não excede 1:000 metros. E' uma peça facilmente transportável e de uma rapidez extraordinária; para um ponto em posição.

Tais obstáculos como caválos de friza e rêde de arame farpado, eram, há pouco, removidos a tiro de artilharia de grande alcance, como medida preparatória ao lançamento da infantaria à posse das trincheiras inimigas. Mas, apesar das rêdes de arame ficárem destruidas, formávam novos obstáculos pelos labirintos constituídos; os obstáculos não eram de todo removidos, pois restávam novas dificuldades a serem vencidas pelos assaltantes. Nestas condições quando numerosas metralhadoras metralhavam a força assaltante, se uma parada ocorresse por mais curta que fôsse, determináva sérias perdas, amortecendo o impulso das tropas lançadas ao ataque.

O efeito dos torpedos aereos é mais completo, mais radical. Após a explosão não fica sequer um fio de arame estendido constituindo obstáculo; as mais espessas e intrincadas rêdes se reduzem a fragmentos e o campo fica livre, francamente livre à ofensiva.

As dimensões desses torpedos são aproximadamente as das granadas 305; contêem apenas maior carga e esta é formada de um poderoso explosivo. Não se destinam a projectar estilhaços que matem soldados, mas a remover, destruir obstáculos em extensões consideráveis de terreno. E' claro que nesse raio de acção estes torpedos a uns 60 a 80 metros do centro da explosão, produzem grandes estragos, dando lugar a que os ouvidos e narizes dos soldados sangrem com abundância.

Mexico

Formação dos 20 corpos das tres armas. — Foi apresentado um projecto relacionado com a formação de corpos especiais que se distribuiram por di-

versas povoações da República, que terão a mesma organização que os corpos de infantaria.

Os contingentes de referencia serão organizados com os excedentes dos corpos, para efeito de ministrar instrução aos membros de Legião de Honra do exército, para que por sua vez obtenham os seus conhecimentos no prazo minimo de um ano, de acordo com o programa de Educação Militar.

A organização que se dará aos corpos de que falamos, será semelhante à das Academias, pretendendo os autores do projecto que o ensino seja mais rapido, mais curto e adaptavel o espirito dos actuais officiaes que se é certo que conhecem as especies do combate, tem perfeito desconhecimento do serviço do quartel, de algumas prescrições da Ordenança e leis militares. Portanto, seguir-se-ha o sistema de conferencias e exercicios práticos de todos os serviços militares, tanto do quartel, como de campanha.

O plano de estudos apresentado, é o seguinte: Geografia, Historia patria, Moral, Instrução civica, Deveres e direitos do cidadão, Operações aritméticas, Contabilidade militar, Trincheira e defesas acasorias, leitura de cartas, Comunicações em campanha, Embarque em caminhos de ferro, Higiene militar, Tática, Ordenança militar, leis militares, Regras de infantaria e cavalaria.

Os cursos serão feitos em dois semestres.

A maior parte dos chefes militares, cumprindo as disposições de Secretario da guerra, enviaram indicações sobre a forma porque ficaram organizadas as forças às suas ordens.

Nas informações custa o numero total de excedentes em classes, officiaes e tropas que serão destinadas a constituir a Legião de Honra do Exército Nacional.

As linhas geraes do projecto tem tal importancia que transforma por completo os sistemas que hoje estão em uso, e que se a referencia à formação dos corpos que comporão o exército, de maneira como se fará o recrutamento, e sobretudo à criação de Academias especiais que servirão para que a officialidade adquira os conhecimentos técnicos indispensáveis à sciencia da guerra moderna.

Projecta-se tambem efectuar anualmente grandes manobras militares em que os generais, officiaes e praças possam dar conta exacta dos serviços de campanha e adquirir praticamente o conhecimento do territorio da República, para que se possa preparar a defesa nacional.

Acordou-se tambem a forma como se devem utilizar os excedentes que resultam ao reorganizar-se os diferentes batalhões e regimentos, de acordo com as instruções que para esse fim expediu a Secretaria da guerra e marinha.

Com os capitães, 1.ºs e 2.ºs tenentes e alferes excedentes, formar-se-hão grupos especiais, em que os officiaes terão todos a mesma graduação. Estes corpos e agrupamentos terão como officiaes, majores e tenentes-coroneis que excedam ao levar-se a cabo a referida reorganização.

Os agrupamentos de que se trata serão distribuidos por diferentes partes do país. Com os sargentos e cabos que resultam excedentes vão formar-se corpos especiais.

DIVERSOS

A guerra é a condição normal da humanidade. — Afirma Benhardi que a guerra é uma profissão divina.

Não é absolutamente assim. A guerra é apenas a condição normal da humanidade.

Aquela neblina que representa a história neblina em que ha relampagos mostra que não é na guerra e sim na paz, que ha anormalidade. Do mesmo modo que as paginas voltam os exercitos emergem e isso prova que a historia é um boletim de guerra.

Ha seculos passados homens armados de clavas com suas mulheres e rebanhos, plantavam as suas tendas por detraz de uma muralha. Fundava-se assim a primeira cidade. Nela estava a segurança. Mas na propria segurança transparecia o perigo. Havia roças a multiplicar-se constantemente e o alimento era insufficiente para as necessidades.

Vieram as sortidas e seguiram-se os ataques. Naquela primeira cidade a civilização teve por berço a guerra porque eram irmãs gêmeas. Muito tempo mais tarde, como primeira pagina do que vulgarmente e por isso erroneamente se considera a primeira cronica, dessas irmãs entram em conflictos de ideias, travam porque a um mata o outro.

Aos irmãos sucedeu as tribus. Ha tendas e paixões.

Vem as familias, as raças, as nações, os imperios. Mas sempre o conflicto de ideias, sempre a guerra. Anteriores aos anais biblicos figuram as taboletas fantasticas dos deveres de Nippres e Esses que são as mais antigas revelações do passado foram as ultimas que o homem decifrou. Os altares e o povo que primeiro os contemplou, os templos de damasco, os palacios de marfim, as hordes homicidas tudo é pó.

A civilização toda de que proviram, sepultou-se. Todavia nessas taboletas ha *fac similes* dos factos tradicionais. Eles falam do Rio Tigre, sem entretanto cogitar dos Balkans; fazem, porém, por outro modo coibição da mesma monotonia, daquela monotonia tão conhecida do inferno.

Com jectencias e explosões proclamam a guerra e o saque das cidades e divinizam as torrestes de sangue de que as ruas se embebiam como se fôra lã.

Isso ocorria ha longos anos passados, e entretanto atravez dos nossos de remonta história ainda podemos divisál-os e encharcar a Mosapotamia, a Asia, a Europa e muitos outros lugares.

Ocasionalmente as torrentes represam. Em cada cem anos, sete, oito, e algumas vezes se bem raramente, quinze foram de paz para o mundo.

Nos tres mil anos passados, duzentos e cincoenta foram de paz, o resto do tempo foi consagrado á violencia organizada.

Aquela violencia que por efeito das leis enigmaticas da vida é talvez uma necessidade biologica. Roma sintitizou em duas palavras «Voe victis» ai dos vencidos. Nisso tinha ele razão. O criterio da guerra é o seu resultado. Sómente para os casuitas e romancistas isso constitue ainda questão de justiça ou de injustiça. A força é o antigo elemento essencial e predominante. «No-thing hike power».

Em suas modalidades a força pode ser reflexo da vitoria ou da derrota e ambas determinam a paz, mas nunca a sua permanencia. A paz permanente só o tumulto disfruta. Alem disso, a paz permanente corre sempre serios perigos, tem graves inconvenientes: a ferrugem dos armamentos, o desenvolvimento do sistema adiposo à ineficacia crescente, as fantasias elegantes, os sonhos indolentes, o despertar intempestivo, — à chamada às armas —, a consta

tação de que é muito tarde, e de que não há armas a não ser as que se acham no depósito por não prestarem.

Cesar tinha sobre essas coisas o seu modo proprio de pensar. Nas palavras de Tacito êle fantasiou uma solidão que denominou paz. Cesar cometeu-as em Scythia. Alexandre em sua excursão pela Índia deixou muito a desejar. A Russia singularmente diminuiu o valor de Napoleão. Todos esses homens enganaram-se, nenhum deles, porem, cometeu o êrro de não estar preparado. Todavia chamar omissão de êrro é um abuso de linguagem. Não condenamos o êrro, estigmatizamos o crime. E' sempre um crime e o crime qualquer que seja, denota sempre uma imbecilidade, um acto de estupidez. Felizmente a estupidez não causa lesão. Se causasse, muito se gritaria e New-York já começa a fazer grande alarido.

Nictzche que é de quando em vez um incompreensivel e frequentemente um importuno, disse que a estrada da vida é feita de perigos. Desde Platão ninguém disse ainda verdade mais bela. Há ditos que parecem ignominias; outros há que são padrões de gloria. Está neste caso o proclamado por Nictzche. Embora escrito em alemão, pode perfeitamente ser subscrito por Hugo e por isso a todos os seus pecados deve ser ainda adicionado o da sua nacionalidade.

Ele afirmou ainda que o homem por ter vocação para guerreiro deve por isso educar-se nessa escola.

Assim falando, pode-se concluir que êle tinha a pena atravessada nas faces porquanto considerava os soldados alemães como animais de compleição loura. Seria acto de incivilidade divergir da sua opinião e atendendo a que é esse o pendor do homem, tem êle inteira razão.

Esse modo de ver não tem, entretanto, sido até hoje totalmente aceito. O nosso conceito a respeito lhe tem sido adverso bem como a nossa bolsa.

Uma outra razão para isso está na nossa posição geográfica que tem sido considerada estrategica o que não é absolutamente bastante. A razão verdadeira consiste no facto de, como nação, preferirmos a ficção à historia e consequentemente deixarmos de reconhecer a inevitabilidade da guerra. E a não admitir que toda a historia seja falsa, como Judas, somos forçados a proclamar que a guerra é tão inevitavel e tão prejudicavel como o percurso de um cometa.

Já temos estado em guerra com a Inglaterra, com o Mexico, com a Espanha e até mesmo em guerra intestina. Estivemos quasi em guerra com o Japão e actualmente em perspectiva com a Alemanha ¹.

Parece mais racional imaginar que não mais estaremos em guerra? Não, amanhã ou talvez mesmo depois de terminadas as actuais hostilidades.

Quando essas cessarem as torrentes de sangue estancarão por determinado tempo. Durante o mesmo intervalo que esboçou as primeiras hostilidades o mundo pode ficar em paz. Nação alguma, porém, está em paz, sem preparar-se para a guerra. E o aforismo latino: *Si vis pacem para bellum* eloquentemente o demonstra. A alguém pode essa afirmação provocar estranhese, mas é facto constatado pela filosofia da historia. Esta demonstra que a despeito das

¹ Já o está no momento presente.

mais sabias leis organizadas e executadas, seja onde for, a miseria ostenta-se sempre como a roupagem da humanidade e a guerra como a sua condição normal.

(Da *American Defense*).

II

PARTE MARITIMA

Alemanha

Reorganização da marinha mercante. — Estão-se instalando novos estaleiros em Hamburgo e em alguns portos do Baltico. Doze das principais sociedades de construção naval aumentaram o capital de acções num total de 20 milhões de marcos.

Parece assente que a actividade dos construtores se encontrará nas construções de tipo uniforme, entre 7 e 8 mil toneladas de capacidade de carga.

Canal de Suez

Redução do movimento de navios. — Os dados seguintes, extraídos do relatório da Companhia, mostram a influência da guerra sobre o movimento do Canal:

Ano	Numero de navios	Tonelagem bruta
1913	5.085	20.034.000
1914	4.802	19.409.000
1915	3.708	15.266.000
1916	3.110	13.325.000

Estados-Unidos

As construções de madeira. — O general Goethels, presidente do Conselho de Administração do Canal de Panamá, e actual director das Construções Navais, tem feito grande opposição à construção intensiva de navios de madeira, advogada por Denman, presidente do «Shipping Board», que, segundo afirma, tem os seguintes inconvenientes:

1.º A madeira convenientemente sêca não chega para a frota projectada, tendo de se recorrer à madeira cortada de fresco e tratada por processos quimicos, o que reduzirá a duração dos navios;

2.º As despesas de exercicio serão muito maiores para os navios de madeira do que para os metálicos;

3.º Proximamente 70 % dos navios de madeira deveriam ser construidos na costa do Pacifico, sendo a sua utilização no Atlantico demorada pela passagem a este Oceano;

4.º Não existem nos Estados-Unidos os carpinteiros navais precisos para as construções projectadas;

5.º A produção de motores de combustão interna, de um tipo muito diverso daqueles que a industria nacional produz anualmente, não poderia acompanhar a construção dos navios;

6.º Os navios de madeira prestar-se-iam mal ao transporte dos minerais de ferro da Espanha;

7.º Os navios projectados, queimando só combustível liquido, exigiriam uma frota auxiliar de petroleiros, tripla da actualmente existente.

Julgam alguns que, em resultado da discussão estabelecida, as construções de madeira se limitam às necessidades da cabotagem americana.

Segundo noticias recentes, adoptou-se um tipo-padrão de 6.000 toneladas, de madeira e aço.

França

Direcção geral da guerra submarina. Foi creada no Ministerio da Marinha esta Direcção geral tendo por fim a pesquisa, preparação e execução de todos os meios de acção contra os submarinos e compreendendo os serviços seguintes:

Serviço de informações e comunicações. — Informações relativas à guerra submarina; estudos estatísticos; transmissão das informações aos interessados.

Serviço da navegação comercial e das derrotas dos navios mercantes — Programas de armamento e material diverso; programas de pessoal, sua preparação e utilização; instruções e derrotas, policia de navegação; inspecção permanente nos portos; entendimentos com os armadores; inqueritos e cauções.

Serviço de aeronautica e exploração aerea. — Programa do material e inspecção da execução; programa do pessoal, sua preparação e utilização; organização das praças; principios de utilização; recompensas e punições. Este serviço está em intimas relações com o sub-secretariado de aeronautica militar.

Serviço de exploração marítima. — Navios militares, brigues e submarinos; defesa das costas; preparação dos programas de material e pessoal e inspecção da sua execução; organização das forças navais e militares, e principios gerais sobre a sua utilização; recompensas e castigos.

Serviço dos inventos. — Estudo e experiencias sobre todos os inventos relativos à defesa contra submarinos. Este serviço está em intimas relações com o sub-secretariado dos inventos.

Serviço das relações com o Parlamento. — Informações a fornecer às comissões parlamentares.

Japão

O novo programa naval. — Parece que o programa de novas construções navais que vai ser proposto ao Parlamento será o seguinte, para ser realizado em 7 anos.

3 couraçados;

2 crusadores de batalha;

6 crusadores ligeiros;

3 exploradores;

2 contra-torpedeiros de alto mar;

15 contra-torpedeiros;

11 grandes submarinos;

9 submarinos de tipo médio,

3 navios especiais.

Alguns criticos navais exigem, em nome da defesa nacional, a construção de 6 em vez de 2 crusadores de batalha.

Construções navais.—Em 31 de março ultimo havia em construção nos estaleiros japoneses 132 vapores com uma tonelagem total de 651.000 toneladas.

Inaugurou-se um novo estaleiro em Ushiode, o qual conta ter construído 30.000 toneladas em agosto deste ano, e espera mais tarde encarregar-se também da construção de navios de guerra.

BIBLIOGRAFIA

França

- 1 LABROSE (commandant), directeur de l'école de Joinville-le-Pont. *Méthode de combat à la baïonnette*. Hermont-Ferrand, impr. Mont. Louis. 1917. In-16, 56 p.
- 2 ONY-VERNAZOBRES (C.). *Journal d'un officier de cavalerie. Le raid en Belgique. La Retraite sur Paris. La Bataille de l'Ourcy. La bourse à la mer du Nord*. Les Tranchées. Avec 16 illustrations hors texte. Nancy. Paris, impr.-libr.-édit. Berger-Levrault. 1917. In-16, 132 p. Fr. 3,50
- 3 *Règlement sur les sections de mitrailleuses d'infanterie dotées de mitrailleuses Hotchkiss modèle 1914 sur affûts trépieds Hotchkiss, modèle 1914 ou sur affûts trépieds, modèle 1917 type E. et modèle 1905 type omnibus*. Approuvé par le ministre de la guerre, le 15 novembre 1916. Tome 2. Matériel. Paris, impr. nationale. 1916. (20 avril 1917). In-12, vii-98 p. et planches.
- 4 RENAUD (capitaine D.), ancien élève de l'École polytechnique. *Cours complet d'automobilisme*. Ouvrage contenant 228 grav. Dessins au trait de F. L. Piazzoli. 6^e édition. Paris, impr. et libr. Marc Imhaus et René Chapelot, 30, rue Dauphine (vi^e). Nancy, même maisnn. 1916. (13 avril 1917). Grand in-8, vii-464 p. et annexe de 32 p. Fr. 10
- 5 *Annuaire 1917 du Cercle national des armées de terre et de mer*. 30^e armée. Paris, impr.-libr. edit. Plon-Nourrit et C^{te}. 8, rue Garancière; au secrétariat du Cercle militaire, 49, avenue de l'Opéra. 1917. (2 mai). In 8, iv-111 p.
- 6 CIVRAY (Jaches) (capitaine Plieux de Diusse). *Journal d'un officier de liaison*. (La Marne. La Sourme. L'Yser). Paris, imprimeurs-éditeurs Jouve et C^{te}, 15, rue Racine. 1917 (2 mai). 228 p. Fr. 3,50
- 7 DUPLESSIS DE POUZILHAC (docteur) aide-major. *Les Mouettes aux croix rouges*, contes médicaux de guerre. Aleaçon, impr. Geo Supot. Paris, A. Maloine et fils, éditeurs. 1916. In-8, 205 p. Fr. 3,50
- 8 HINZELIN (E.). *Un enfant de l'Alsace*. Kléber. Dessins, par R. de La Nézière. Mesnil (Euric), impr. Firmin-Didot et C^{te}. Paris, libr. Delagrave, 15, rue Soufflot. 1916. In-4, 47 p.
- 9 HANOTAUX (G.) de l'Académie française. *Histoire illustrée de la guerre de 1914*. Fascicules 60, 61 et 62. Paris, impr. G. Malherbe et C^{te}; «l'Édition française illustrée» (Gounouilhou, éditeur), 30 rue de Provence. 1917. Trois fascicules in-4 à 2 col. de 24 p. de texte et d'illustrations N^o 60, p. 161 à 184; n^o 61, p. 185 à 208; n^o 62, pag. 209 à 232. Le fascicule, net Fr. 1
- 10 PUAUX (R.). *La Course à la mer et la Bataille des Flandres* (Septembre-novembre 1914). Avec 10 cartes dans le texte. Nancy. Paris, impr. et libr.-édit. Berger-Levrault. 1917. In-12, 68 p. Cent. 75
- 11 DALLOZ. *Guerre de 1914. Documents officiels*. Textes législatifs et réglementaires. Seizième volume, 1^{er} janvier-15 février 1914. Publié sous la direction de M. M. Gaston Griolet, docteur en droit et Charles Vergé, maître des requêtes honoraire. Avec la collaboration de M. Henry Bourdeaux, juqe d'instruction au tribunal de la Seine. Paris, impr. E.

- Desfonés : libr. Dalloz, 11, rue Soufflot (R. de Rigny, administrateur). 1917. (5 mai). In-16, 303 p. Fr. 2
- 12 SOUZA (comte Charles de) et major Haldane Mactall. *La Défaite allemande. Histoire stratégique de la guerre.* Première phase. Août-septembre 1914. Traduite de l'anglais avec l'autorisation des auteurs, par Michel Palmer. Ouvrage accompagné de 20 cartes et plans, Evreux, impr. Ch. Hérissey. Paris, Perrin et C^{te}, libr.-édit., 35, quai des Grands-Augustins. 1917. In-16, III-292 p.
- 13 BAIXE (G. Y. L.). *L'Ambulance n.º 1 de la brigade des fusiliers marins et son fonctionnement.* Thèse pour le docteur en médecine. Bordeaux, impr. Y. Ladoret. 1917. In-8, 90 p. et tableau.
- 14 BELLET (D.) et W. Darvillé. *La guerre moderne et ses nouveaux procédés.* Ouvrage illustré de 153 gravures. 2^e édition. Coulommiers, impr. P. Brodard. Paris, librairie Hachette et C^{te}, 79, boulevard Saint-Germain. 1916. Grand in-8, 256 p. Fr. 4
- 15 BRENET (M.). *La Musique militaire.* Étude critique illustrée de 12 planches hors texte. Evreux, impr. Ch. Hérissey. Paris, Henry Laurens, libr.-édit., 6, rue de Tournon (VI^e). (S. M.). In-8, 127 p.
- 16 DELFINI (C. J. H.), élève de l'École principale du service de santé de la marine et des colonies. *Contribution à l'étude de l'hygiène des troupes en campagne.* Thèse pour le doctorat en médecine. Bordeaux, impr. Y. Ladoret, 1917. In-8. 50 p.
- 17 FRIBOURG (A.). *La Guerre et le Passé. Les Leçons d'histoire.* Coulommiers, impr. B. Brodard. Paris, libr. Félix Alcan, 108, boulevard Saint-Germain. 1916. In-16, 288 p. Fr. 3,50
- 18 RIP. *L'École des civils.* Revue de guerre. 1916. Dessins de Sem, Georges Lepape, G. K. Benda et Rip. Evreux, impr. Ch. Hérissey. Paris, libr. Paul Ollendorff, 50, Chaussée d'Antin. 1916. In-8, VIII-192 p. Fr. 2
- 19 SCHILLER. *Histoire de la guerre de Trenteans.* Traduction française par Ad. Regnier. Coulommiers, impr. P. Brodard. Paris, libr. Hachette et C^{te}, 79, boulevard Saint-Germain. 1915. In-16, XVII-527 p. Fr. 3,50
- 20 *Règlement de manœuvre de l'artillerie à pied. Artillerie de siège et place Instruction sur les services de l'observation et des transmissions dans l'artillerie à pied.* Approuvée par le ministre de la guerre, le 18 novembre. 1911. 2^e édition mise à jour au 25 août 1914 avec les F. R. N.ºs 1 et 2. Paris, Impr. nationale. 1915. (14 mai 1917). In-12, 142 p. avec figures et planches.

Inglaterra

- 1 *After Three Years.* A Re-statement of British War Aims. Reprinted from the «Round Table» f3r September. 1917. 8vo. Macmillan 6d
- 2 *After Victory.* By an «Amateur Officer». Cr. 8vo. pp. 317. Melrose. net 5/
- 3 *Airman's Outings (An)* By «Contact». With an Introduction by Major-General W. S. Brancker. Cr. 8vo, pp. 348. W. Blackwood net 5/
- 4 BADEN-POWELL (Lady). *Training Girls as Guides.* Cr. 8vo, swd., pp. 92 C. A. Pearson net 1/
- 5 BLANCHON (G.). *The New Warfare* Translated by Fred. Rothwell. Cr. 8vo, pp. 254. Harrap net 3/6
- 6 BROWN'S B.-P. *Boy Scouts' Diary.* With Useful and Correct Information for Boy Scouts. 1918. 32mo. pp. 216. J. Brown net 7d
- 7 BURKIT (Rev. H. J.). *The History of the Queen's* (Royal West Surrey Regiment). In the Form of a Lantern Lecture, with Supplementary Notes. With an Introduction by Maj.-Gen. Sir E. O. F. Hamilton. Cr. 8vo, pp. 96. A. C. Curtis net 5/
- 8 COOPBR (Bryan). *The Tenth (Iris) Division in Gallipoli.* Cr. 8vo, pp. 298. H. Jenkins net 6/
- 9 CRAWSHAY-WILLIAMS (Eliot). *Leaves from Officer's Note-Book.* With Illustrations, 8vo, pp. 280. E. Arnold net 10/6

- 10 CROFT (Henry Page). *Twenty-Two Months Under Fire*. Cr. 8vo, pp. 258. *J. Murray* net 5/
- 11 DIXON (W. Macneile). *The Fleets Behind the Fleet*. The Work of the Merchant Seamen and Fishermen in the War. Cr. 8vo, pp. 131. *Hodder & S.* net 2/6
- 12 *Doings of the Fifteenth Infantry Brigade*. (The) August, 1914, to March, 1915. By Its Commander. Cr. 8vo, pp. 283. *W. Blackwood* net 5/
- 13 *Fleet Annual and Naval Year Book, 1917* (The). The Third Great War Number. Compiled by Lionel Yexley. Roy. 8vo. pp. 303. *Chapman & H.* net 4/
- 14 *Gréat War* (The) *The Standard History of the All-Eurore Conflict*. Edited by H. W. Wilson and J. A. Hammerton. Vol. 9. 4to, pp. 500. *Amalgamated Press* net 16/
- 15 HAY (Ian). *Carrying On. After the First Hundred Thousand*. Cr. 8vo, pp. 325. *W. Blackwood* net 6/
- 16 KENNARD (Lady). *A Roumanian Diary*. 1915, 1916, 1917. Illustrated. Cr. 8vo, pp. 198. *W. Heinemann* net 5/
- 17 KNOWLES (Christine). *A Visit to Switzerland in War-Time*. Cr. 8vo, pp. 19. Illustrated. *British Prisoners of War, Food, Parcels and Clothing Fund* net 6d
- 18 MACLAREN (W. F. de Bois). *Word Pictures of War*. Cr. 8vo, pp. 77. *Me-thuen* net 2/6
- 19 MIDDLETON (Edgar). *Glorious Exploits of the Air*. Cr. 8vo, pp. 256. *Sim-plein* net 5/
- 20 *Military Map* (The) (Additional Chapters). Part 2. Elements of Modern Topography. (French School of War). 8vo, pp. 139. *Macmillan* net 3/
- 21 *On the Remainder of our Front*. By Private No. 940. Cr. 8vo, pp. 156. *Harrison* net 2/6
- 22 *On the Road to Kut*. By «Black Tab». *A Soldier's Story of the Mesopotamian Campaign*. 8vo, pp. 312. *Hutchinson* net 10/6
- 23 PADRE (The) *Fifty Miles on a Hospital Ship*. A Chaplain's Experiences in the Great War. Cr. 8vo, pp. 284. *R.T.S.* net 3/6
- 24 POWELL (E. Alexander). *With the Italians and the Allies in the West*. Cr. 8vo, pp. 254. *Heinemann* net 5/
- 25 PRICE (Theodore). *Crucifiers and Crucified*. Cr. 8vo, pp. 167. *Author* 1/6
- 26 SCHALLER (Charlotte). *At War*. 4to, pp. 35. *Grant Richards* net 2/
- 27 *Second Diary of the Great War* (A) By Saml. Pepys, Jau., Esq., M.A. From January, 1916, to June, 1917). With Effigies by John Kettewell. Cr. 8vo, pp. 304. *J. Lane* net 5/
- 28 «*Times*» *History of the War* (The). Vol. 12. 1917. Folio, pp. 492. *The «Times»* net 10/6; 12/6; 15/
- 29 VERNED (R. E.). *Letters to His Wife*. Cr. 8vo, pp. 220. *Collins* net 6/
- 30 WARD (Sir Adolphus William). *Founder's Day in War-Time*. Cr. 8vo, pp. 55. *Longmans* net 1/6
- 31 WATT (Lauchlan Maclean). *In France and Flandres: With the Fighting Men*. Cr. 8vo, pp. 208. *Hodder & S.* net 3/6
- 32 *Western Front* (The). Part 10. *Ship Building. Drawings* by Muirhead Bone. Folio, swd. «*Country Life*» net 2/
- 33 WINSLOW (Carrol Duna). *With the Freench Flying Corps*. Illustrated. Cr. 8vo, pp. 190. *Donstable* net 3/6
- 34 *Wipers «Times»* (The). *A Facsimile Reprints of Trench Magazines: —The Wipers Times and Others*. 4to. *H. Jenkins* net 6/
- 35 *Young Officer's Guide to Knowledge*. By a Senior Major. New ed., revised. 32mo. *Harrison* net 1/

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 10 de outubro de 1917. O bombardeamento e as defensas acessórias da fortificação das bases marítimas. Notas da Administração naval. Antiguidades navais. Memórias de arqueologia naval portuguesa. Educação física na armada. Barca portuguesa «Viajante».
- 2 *Boletim da Administração Militar*, n.º 10 de outubro de 1917. Fardamentos em campanha. Instruções para a requisição de artigos, transportes, gado, serviços, etc., em campanha para uso do exército inglês. Como se renova o fardamento do exército francês. Os depósitos administrativos de etapes. Rações de campanha.
- 3 *O Instituto*, n.º 11 de novembro de 1917. «Famosa gente» — Aos nossos soldados em guerra. Néper e a teoria dos logarítimos. Correspondência do Conde de Castelmelhor com o Manuel Fernandes e outros (1668 a 1678). Documentos sôbre várias indústrias portuguesas. Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança. História da instituição da Santa Ordem da Cavalaria e das ordens militares em Portugal. O Fausto de Goethe.
- 4 *Revista de artilharia*, n.ºs 157 e 158 de julho e agosto de 1917. A tática e a técnica da artilharia de campanha. Artilharia de trincheira. Resistência das couraças. A guerra europeia — Diário da guerra. Variiedades.
- 5 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 188 de outubro de 1917. Concurso de gado turino em Cascais. Inventário dedicado aos noveis médicos-veterinários. Serviços veterinários do Ultramar — Regulamento de sanidade pecuária de Angola.
- 6 *Revista dos sargentos portugueses*, n.ºs 45 e 46 de 15 e 30 de novembro de 1917. Rol de deshonra. Centenário trágico — Gomes Freire de Andrade. Os quadros coloniais. Exército colonial. Fragmentos dum eamentário. Meios e métodos de combater os aeronaves. Defesa dos comboios. Razões de um desastre — Significativas revelações. Esquecidos! Economia política. Preto carinhoso. O desgasto alemão. Defesa do. comboios. Interesses de classes.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 201 de outubro de 1917. Aviacion y aerostacion. Calculo de puentes de circunstancias para artilleria y bagajes. Proyecto de organizacion del ejercito de la Republica oriental del Uruguay. Telemetria. Chismas militares. Caballeria — Maniobra de Wilna — Nuevo Reglamento de Equitacion bresileño. La batalla del Marne. Organizacion de los servicios de teléfonos y telégrafos militares en la guerra europea.

Chile

- 1 *Revista de marina*, n.º 361 de setembro e outubro de 1917. Magnetismo del acero intermediario del buque. El servicio de torpedos debe ser hoy preponderante en la marina de Chile. El submarino. Alimento y fatiga. Algunas consideraciones prácticas sobre navegacion costera. Aeronáutica.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Colombia*, n.ºs 62 e 63 de agosto e setembro de 1917. Influencia atmosferica en el tiro de ar-

tilleria. La marcha. Al margen del Reglamento de servicio en campaña. Informe sobre el reconocimiento militar de las vías que conducen de Chicorot a Cati, pasando por Ibagué y Cartago. Concurso de la Academia nacional de Historia. Conferencia dictada por el geodesta del Estado Mayor General. Dibujo militar. Informe sobre el reconocimiento militar de las vías que conducen de Chicorot a Cati, pasando por Ibagué y Cartago.

Espanha

- 1 *Estudios militares*, n.º 5 de noviembre de 1917. Un pequeño ensayo de general y una mayor aplicación de jefe, oficial, clase y soldado de infantería. La mujer y la guerra: La guerra europea: crónica político-militar. Estudios acerca de cuestiones organico-militares.
- 2 *La guerra y su preparacion*, n.ºs 10 e 11 de outubro e novembro de 1917. Visita al frente alemán en Belgica. Japón — Reglamento para las grandes maniobras combinadas de los ejércitos de tierra y mar. Tropas norteamericanas a Francia. Empleo del automóvil en el ejército suizo. Reclutamiento de oficiales en el ejército del Brazil. Reformas en el ejército de la Argentina. Estudio comparativo de los fusiles de los ejércitos beligerantes en la actual guerra. Ejercicios tácticos de infantería en el ejército francés. Deducciones de la guerra mundial. Las operaciones en Livonia. Organización de las unidades en los Estados-Unidos. Una visita a la Escuela de artillería y ingenieros de Rumania. Información gráfica. Nota relativa a las operaciones en Francia.
- 3 *Memorial de artilleria*, n.º de noviembre de 1917. Artillería y aviación: Su empleo y su enlace en la guerra moderna. El tiro de varias alzas en nuestras baterías de campaña empleado en los casos generales.
- 4 *Memorial de caballeria*, n.º de noviembre de 1917. Militarismo. Cosas de Caballería sobre organización. Ideas sobre un reglamento de ascensos. Más sobre el caballo árabe. Crónica de la guerra.
- 5 *Memorial de infanteria*, n.º de noviembre de 1917. Algo sobre operaciones combinadas del ejército y de la Armada. Juicio acerca de un estudio comparativo de los ejércitos francés y alemán. Proyecto de reglamento para la instrucción táctica de las tropas de infantería. Sitios de Badajoz desde el siglo XVIII. La guerra europea y el derecho internacional.

Estados Unidos

- 1 *The international military digest*, n.º 11 do vol. 3.º, (novembro de 1917).

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.º de setembro de 1917. Aderenze tra ferro e cemento (Risultati di alcuna esperienza fatte dell' Inspettorato generale del genio). Un' applicazione delle formole sulla resistenza della artiglieria del colonello Giovanni Bianchi. Sulla combustione delle polveri in recipiente di capacità invariable. Giulio Cesare e la guerra di posizione sulla campagna ispano-marsigliese dell' anno 49 a. C. Sul tiro dei medi e dei grossi calibri in montagna. Metodo por misurara da terra la ratta di una nave al largo. Nuovo imballaggio dei proietti d'artiglieria di piccolo calibro. Si piu giovani ufficiali d'artiglieria. Ancora terrestre.
- 2 *Rivista di cavalleria*, n.º de 15 de outubro de 1917. Forza numerica degli ufficiali dell' arma di cavalleria. Da un mese all'altro. Lettere al Sottotenente novellini. Pagina di guerra. Cavalleria. Soldati a Vettognaglia. Cronaca degli avvenimenti di guerra dell' agosto 1915. L'esodo.